

Rafael Felipe Ferreira

Fábio Tadeu de Macedo Santana

**Teatralização no ensino de Geografia:
uma condição possível**



Rio de Janeiro, 2024

Teatralização no ensino de Geografia: uma condição possível

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2024

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UERJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE GEOGRAFIA (PPEG)
INSTITUTO DE GEOGRAFIA – UERJ/MARACANÃ
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA EM REDE
NACIONAL – PROFGEO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

<p>Ferreira, Rafael Felipe Teatralização no ensino de geografia [livro eletrônico] : uma condição possível / Rafael Felipe Ferreira, Fábio Tadeu de Macedo Santana. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : ProfGeo-UERJ, 2024. PDF</p> <p>ISBN 978-65-983774-5-8</p> <p>1. Educação 2. Geografia - Estudo e ensino 3. Teatro escolar I. Santana, Fábio Tadeu de Macedo. II. Título.</p> <p>24-218145 CDD-910.07</p>

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia : Ensino 910.07

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



Todos os direitos de publicação reservados. O texto assinado, tanto no que diz respeito à linguagem como ao conteúdo e à normalização, é de inteira responsabilidade do autor, do orientador e da banca examinadora e não expressam, necessariamente, a opinião da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É permitido citar parte do texto sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/1998) é crime estabelecido pelo Código Penal.

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a:

Francisco Henrique Campos Ferreira (*in memoriam*), meu pai, que desde meus primeiros anos de vida foi e continuará sendo meu referencial de valores e ética. Até um dia, quando nos reencontraremos no plano espiritual. Gratidão.

Iolanda de Jesus Ferreira, minha mãe, que desde minha infância me incentivou a estudar, a aprender e essencialmente a enfrentar os obstáculos da vida. Foi e será sempre meu modelo de ser humano e de expressão da Fé. Gratidão pelo amor e paciência inalterados até hoje. Este trabalho também é seu.

Deolinda de Jesus Teixeira (*in memoriam*), minha avó, que por muito tempo esteve presente em minha formação pessoal. Gratidão pelas rosas brancas.

Ana Paula Braga Petito, minha companheira de vida, das horas prazerosas e difíceis, de muitas formas em diversas dimensões. Gratidão amor.

Ao universo metafísico do teatro que em comunhão com a Geografia me possibilitaram realizar os maiores trabalhos docentes da minha vida, transcendendo os portais dimensionais do conhecimento e engrandecimento pessoal.

AGRADECIMENTOS

À Deus, Mestre Jesus, Mãe Maria e a toda espiritualidade que através do amor me concedem a evolução no plano físico.

À Tupyara, meu Guia e Chefe espiritual, aos Orixás, Guias e Protetores espirituais que me sustentam nos planos dimensionais. Minha eterna gratidão.

A meu irmão Rogério Luiz Ferreira pela parceria de uma vida e por ser meu maior vínculo com os tempos da infância.

À Cristiane Nunes Duarte minha amiga-irmã que foi e eternamente será meu referencial de ética, dedicação e amizade.

A meu amigo Alex Bezerra Ferreira, amigo das horas difíceis e de conquistas desafiadoras, em momentos próximos e distantes.

À Escola Modelar Cambaúba que me possibilitou, por meio de toda a sua estrutura pedagógica, construir os projetos Expos, base desta dissertação. Em especial a diretora e amiga Simone Freire por estar onde sempre estive, perto.

Aos alunos que participaram efetivamente dos projetos de teatralização do ensino de Geografia – TEG e a todos que indiretamente contribuíram.

À professora e amiga Mônica Vailant pela parceria em vários projetos EXPOS, pelas consultorias e pelo apoio de sempre.

Aos colegas professores que me apoiaram e me incentivaram na construção de um processo pedagógico diferenciado.

Ao amigo-ator Murici pelo incentivo e trocas engrandecedoras sobre o mundo da dramaturgia.

A Andrea Carmo Sampaio, minha orientadora da graduação, meu maior referencial de metodologia científica e de simplicidade acadêmica.

Aos colegas de turma do mestrado pelas trocas inestimáveis e apoio.

Enfim, a todos que mesmo não tendo sido citados diretamente neste texto fizeram parte desta conquista. O meu sincero obrigado.

A ciência atua diretamente sobre a realidade, modificando-a. Pelo contrário, a arte modifica os modificadores da sociedade, transforma os transformadores. A sua ação é indireta, exerce-se sobre a consciência dos que vão atuar na vida real.

Augusto Boal

RESUMO

FERREIRA, Rafael Felipe: Teatralização no ensino de Geografia – uma condição possível. Produto educacional em Língua Portuguesa. Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O produto educacional “Teatralização no ensino de Geografia: uma condição possível” foi desenvolvido para atender necessidades pedagógicas surgidas ao longo de anos no magistério. A construção do raciocínio geográfico tem enfrentado questões desafiadoras em sala de aula principalmente no que diz respeito a participação do aluno no processo de aprendizagem-ensino. A cada ano tais questões se apresentam de forma mais intensa, tanto pela falta de interesse dos jovens pelas aulas classificadas como tradicionais baseadas na exposição de conteúdo pelo professor tanto pela própria característica comunicacional dos tempos atuais baseadas essencialmente em artefatos eletrônicos e nas redes sociais, que distanciam os alunos da sua realidade socioespacial em sala de aula. A elaboração deste produto educacional tem como escopo proporcionar uma metodologia de aula baseada na teatralização no ensino de Geografia, e seu diálogo com a arte através da representação teatral, possibilitando assim ao aluno da educação básica seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social através do seu protagonismo na construção coletiva das diversas etapas de seu raciocínio geográfico.

Palavras-chave: Educação geográfica. Representação espacial. Teatro e ensino.

SUMÁRIO

Apresentação	Pág. 06
Introdução	Pág. 07
Problematização	Pág. 09
Instrumentalização	Pág. 10
Cronograma das etapas metodológicas da TEG	Pág. 12
Projeto 01 – A fome no mundo globalizado	Pág. 14
Projeto 02 – A exploração do homem pelo homem na América Latina	Pág. 17
Projeto 03 – Estamira: uma dramatização geográfica	Pág. 20
Projeto 04 – Um grito de liberdade na cidade maravilhosa	Pág. 24
Projeto 05 – Intolerância religiosa: a ferrugem que corrói a alma	Pág. 27
Projeto 06 – Alienação Social: da apatia coletiva ao desespero individual	Pág. 31
Considerações Finais – Resultados	Pág. 35
Referências bibliográficas	Pág. 38
Anexos	Pág. 43

APRESENTAÇÃO

Aos colegas professores.

Este produto educacional foi desenvolvido a partir de anos de magistério trabalhando com alunos da educação básica das redes pública e privada. O objetivo principal é possibilitar aos docentes uma proposta metodológica de educação geográfica onde os alunos de forma proativa, coletiva e colaborativa construam seus processos de aprendizagem-ensino. Defendemos neste produto que o diálogo entre Geografia e Arte através da prática teatral, com suas múltiplas expressões, proporcione uma riqueza acadêmica na construção do raciocínio geográfico e simultaneamente um desenvolvimento pessoal e social dos alunos, à medida que se tornem protagonistas do processo, trabalhando em equipe na tomada de decisões em todas as etapas metodológicas do produto educacional.

Vale ressaltar que este produto pode ser utilizado tanto para o desenvolvimento dos conteúdos programáticos estipulados para o ano específico de cada turma quanto para projetos pedagógicos propostos pela instituição de ensino. Como todo processo educacional, este produto segue inacabado, uma vez que cada abordagem que venha amalgamar Geografia e Arte proporciona novas perspectivas e olhares sobre sua elaboração, desenvolvimento e aplicação. Sendo assim esperamos que os professores que se utilizem da Teatralização no Ensino de Geografia - TEG possam, num processo contínuo, ampliar os horizontes das múltiplas possibilidades metodológicas entre Geografia e Arte na construção do raciocínio geográfico.

Atenciosamente,

Rafael Felipe Ferreira e

Fábio Tadeu de Macedo Santana

INTRODUÇÃO

Teatralização no Ensino de Geografia - TEG

Os projetos de Teatralização no Ensino de Geografia - TEG foram realizados entre os anos de 2011 e 2019, tendo como público-alvo alunos do Ensino Médio. Todos os trabalhos desenvolvidos, exceto o projeto “*Estamira, uma dramatização geográfica*”, estavam inseridos em um projeto político pedagógico da Instituição de Ensino Escola Modelar Cambaúba. A proposta pedagógica desta Escola está baseada numa exposição de trabalhos que conjuga todos os segmentos de ensino (Fundamental I, Fundamental II e Médio) sob um tema norteador. Dessa forma todos os trabalhos dialogam entre si com múltiplas dimensões em suas inúmeras abordagens com diferenciados níveis de aprofundamento. Cada professor se utiliza de uma forma de construção do conhecimento e apresentação para o público presente. A atividade pedagógica é denominada *Expo* sendo realizada no intervalo de dois anos. Dentre as abordagens pedagógicas destacam-se as exposições orais, montagem de maquetes, roteiros musicais, danças, mesas-redondas e apresentações teatrais. No que diz respeito exclusivamente ao projeto “*Estamira*”, este foi uma idealização e realização construída de forma coletiva dentro da aula de Geografia Urbana em uma turma de 2º ano do Ensino Médio da Instituição Colégio e Curso Carpe Diem. Para identificarmos o recorte territorial onde os projetos foram realizados, ambas as escolas estão localizadas na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no bairro da Ilha do Governador.

O objeto de estudo abordado nesse produto educacional se debruça sobre a teatralização como metodologia de ensino em Geografia. Através de práticas pedagógicas onde alunos e professor constroem o conhecimento de conteúdos geográficos que serão vivenciados, aprendidos e apresentados em diversas sessões para um público diverso. O Projeto dialoga com diversos autores que subsidiam a prática teatral como metodologia de desenvolvimento e criticidade. Spolin (2010) defende que o jogo teatral é estruturado através de uma intervenção pedagógica na qual professor e aluno-ator se tornam parceiros de um projeto artístico. A metodologia do teatro como ferramenta de desalienação é definida por Boal (2011)

como uma arma de liberação sendo para o autor de extrema necessidade a criação de formas teatrais correspondentes. A TEG possibilita um diálogo mais próximo e dinâmico entre alunos e professor que incorporam de forma coletiva e colaborativa seus papéis na produção do raciocínio geográfico. Cavassini (2008) enaltece a arte como disciplina e coloca o teatro com a base epistemológica da arte, enfatizando que a pedagogia do teatro possui disciplinas de integração entre os polos, teatro e pedagogia e disciplinas limítrofe de ambas. Souza (2009) defende que o teatro é capaz de ensinar por vias indiretas e seu verdadeiro aprendizado não está somente contido num currículo explícito. De fato, a representação teatral de conceitos e conteúdos geográficos se mostrou uma dinâmica e eficiente forma de comunicação verbal e não-verbal.

Cabe aqui ressaltar que todos os projetos apresentados neste trabalho foram apresentados para toda a comunidade escolar, isto inclui alunos, professores, funcionários, familiares e amigos. Além de professores convidados que engrandeceram os projetos a partir de apontamentos pedagógicos e dramatúrgicos sobre as apresentações. Dentro da estrutura pedagógica da Escola Modelar Cambaúba, o projeto “*Expo*” tem como culminância, isto é, o dia da apresentação de todos os trabalhos que foram construídos, um período de aproximadamente seis horas. Nesse período cada projeto foi apresentado em média seis vezes para um público em sala de aproximadamente 45 pessoas. O projeto é reapresentado durante a semana pelo período da manhã, desta vez exclusivamente para os alunos da escola que não conseguiram assistir os trabalhos no dia da apresentação aberta ao público.

Os projetos, como citado, se utilizam de linguagens verbais e não-verbais como imagens desenhadas, montadas e pintadas, recursos audiovisuais, vídeos, músicas cantadas e tocadas pelos alunos, poesia e dramatização na qual o espaço cênico transcende o corpo e o palco. As apresentações são feitas na própria sala de aula ambientada para proporcionar melhor imersão dos alunos, professor e espectadores contribuindo de forma ímpar para o processo de aprendizagem-ensino. O espaço cênico vai muito além do lugar sala-palco e se aprofunda no infinito particular do aluno em suas múltiplas expressões corporais e linguagens que servem como meio condutor da construção do raciocínio geográfico em seu duplo aspecto aprendizagem-ensino. Termo utilizado a partir dos estudos de Oliveira

(2013) que cunhou o conceito *aprendizagem ensino*, se referindo ao fato de que o processo de aprendizagem precede ao de ensino,

PROBLEMATIZAÇÃO

O projeto TEG nasce de um tema norteador. Este tema é trazido para a sala por diferentes vias. Normalmente a definição é a partir do próprio conteúdo programático da disciplina, por vezes também se faz através de atividades pedagógicas da instituição de ensino. Mas, frequentemente o projeto nasce a partir de questões transversais que atravessam os alunos em seus cotidianos, em seus lugares mais afetivos. Muitas dessas questões que atravessam nossos alunos ocorrem em recortes territoriais distantes de suas realidades pessoais, todavia com grande relação com suas realidades socioespaciais. Temas como segregação racial, intolerância religiosa, miséria, fome, alienação social dentre outros são abordados e trabalhados no projeto. Os temas transversais contemporâneos que atravessam os nossos alunos exigem da prática docente as mais diversas abordagens possíveis para trabalhar questões tão complexas em suas múltiplas dimensões. As aulas exclusivamente expositivas encontram cada vez maiores desafios para dialogarem com uma geração muito conectada digitalmente e imersa num oceano de informações audiovisuais. A prática teatral se mostrou dinâmica, estimulante e transformadora à medida que desafia os alunos a trabalharem de forma crítica, colaborativa e coletiva. O protagonismo no processo de aprendizagem-ensino por parte dos alunos faz com que os desafios impostos pela complexidade dos temas sejam inovadores e desafiadores fazendo-os ultrapassarem os obstáculos mais difíceis, os internos, como desmotivação, desinteresse e inibição.

INSTRUMENTALIZAÇÃO

A teatralização se mostrou como uma metodologia de ensino em geografia com múltiplas possibilidades de criação onde os alunos de forma coletiva e colaborativa passam a ser protagonistas do seu processo de aprendizagem. A metodologia do teatro como ferramenta de desalienação é definida por Boal (2011) como uma arma de liberação sendo para o autor de extrema necessidade a criação de formas teatrais correspondentes. Construída em diversas etapas que vão da discussão sobre o conteúdo a apresentação, ou seja, a teatralização em si, os alunos participam de forma ativa de todas as etapas do processo em parceria e orientação do professor que passa a trabalhar de forma horizontal com os alunos. Nessa metodologia de Aprendizagem Baseada em Projeto/Problema – ABP, traduzido da sigla em inglês ABL, os alunos se debruçam sobre questões transversais que os atingem e de forma coletiva constroem a resposta-solução do projeto/problema enfrentado. Bender (2014), entende que a aprendizagem baseada em projeto é uma proposta de ensino na qual os alunos confrontam as questões e os problemas do mundo real que consideram significativos, definindo a melhor forma de abordá-los, a partir disso trabalham de forma cooperativa em busca de soluções. Ressaltamos aqui que a essência da TEG é possibilitar uma metodologia que estimule o aluno a desenvolver o pensamento crítico sobre as questões sociais, econômicas, políticas, culturais dentre outras.

Na metodologia apresentada neste produto educacional defendemos que neste processo de aprendizagem-ensino os alunos se veem desafiados a desenvolver mais suas questões pessoais e sociais como autonomia, parceria e responsabilidade, uma vez que deixam de ser sujeito passivos-receptivos e se tornam sujeitos ativos-construtivos. Vale ressaltar que a teatralização exige dos educandos uma necessidade de trabalho em equipe, sem a qual não se consegue a materialização do projeto.

É necessário ressaltar que a teatralização como metodologia dentro de uma aprendizagem baseada em projeto ao mesmo tempo que exige que os alunos enfrentem novos desafios como trabalhar em equipe, se apresentar em público, cantar, tocar, compor, recitar entre outros também, amplia e revela características pouco desenvolvidas até então como liderança e proatividade. Tais características muito além de serem importantes na formação do raciocínio geográfico do aluno

atua de forma plena em toda a sua formação como aluno e cidadão para um mundo em constante transformação.

A TEG como proposta metodológica de ensino de Geografia se constitui em um projeto de múltiplas etapas didático-pedagógicas. Desde o tema norteador que pode ser discutido em grupo, entre professor e alunos como pode ser desdobramento de um projeto pedagógico da escola como no caso dos projetos “*Expos*” apresentados neste estudo. De toda sorte a partir de um tema norteador, estudado e discutido por todo o grupo se elegem subtemas que serão divididos pelos alunos em subgrupos. Enfatiza-se que o tema norteador exige um estudo e aprofundamento entre todo o grupo de forma coletiva. É realizado o levantamento bibliográfico que dará embasamento a todo o projeto. A construção do raciocínio geográfico ocorre à medida que as leituras são seguidas de debates e discussões entre professor e alunos. Com a divisão em subgrupos os temas são aprofundados e então nos próximos encontros os grupos se apresentam com o arcabouço teórico estudado desde o último encontro. Esses encontros podem ocorrer de forma presencial ou remota via aplicativos.

Na etapa seguinte, após a consolidação do aprofundamento teórico do tema norteador e dos subtemas inicia-se a elaboração dos textos de apresentação, uma vez que todo o conteúdo tem que ser adaptado para uma linguagem teatral. Vale ressaltar que aqui também se define todo o conteúdo musical que dará sustentação as cenas. Em alguns projetos de Teatralização no Ensino de Geografia – TEG as músicas completaram o ambiente dramatúrgico, enquanto em outras as cenas foram literalmente dramatizadas a partir de conteúdos abordados na própria letra musical como no caso da encenação e discussão a partir da música “Cálice” de Chico Buarque.

Com os textos e com a programação musical definida o grupo de forma coletiva e espontânea vai se dividir entre as diversas funções que existem em uma apresentação teatral mesmo quando ela ocorre em uma sala de aula. As principais funções definidas para a TEG são: atores com fala, figurantes (atores que não terão fala, mas contracenarão), músicos (alunos que tocam algum instrumento) e alunos que cantam, figurinistas, desenhistas, pintores, contrarregras, responsáveis pelos recursos audiovisuais (Datashow, caixa de som, cabos, aplicativos e demais artefatos digitais), maquiadores, assistentes do professor que nesse formato desempenha uma função de “diretor teatral”. Vale enfatizar que todos participam

executando mais de uma função e que são estimulados a desafiarem seus limites, suas crenças limitantes e a partir dessa tomada de decisão constroem de forma protagonista o raciocínio geográfico. O trabalho em equipe de TEG desenvolve o aluno em suas múltiplas relações como liderança, trabalho coletivo e colaborativo além de ampliar as dimensões intelectuais, sociais, físicas, comunicacionais dentre outras. Ao longo de todo o processo de construção de um projeto, as etapas metodológicas de forma encadeada e em parte concomitante, como vemos na tabela 1, são o fio condutor do processo. Faz-se necessário enaltecer que as etapas ainda que bem definidas são susceptíveis as necessidades de cada grupo.

Tabela 01 – Cronograma das etapas metodológicas do produto educacional
Teatralização do ensino de Geografia – TEG

Etapas		Semanas do Projeto						
		Sem 1	Sem 2 – 3	Sem 3 – 4	Sem 4 – 5	Sem 5 – 6	Sem 6 – 7	Sem 7 – 10
01	Definição do tema norteador							
02	Levantamento Bibliográfico							
03	Discussões e debates coletivos							
04	Divisão do grupo em subgrupos e subtemas							
05	Aprofundamento da bibliografia dos Subtemas							
06	Discussão coletivas dos subtemas (cada subgrupo apresenta o estudo e todo o grupo constrói o conhecimento de forma coletiva)							
07	Preparação dos textos de Apresentação							
08	Definição em grupo do arcabouço Musical (neste encontro se define, mas a pesquisa musical ocorre desde o início)							
09	Definição e preparação do cenário							
10	Definição e teste dos personagens e demais funções							
11	Ensaios							
12	Reuniões para discussões sobre alterações e aperfeiçoamentos							
13	Dinâmica de inteligência emocional							
14	Apresentação Teatral							
15	Atividade de entretenimento*. (Reunião-sociocultural)							
16	Avaliação do projeto & feedback*.							

Fonte: O autor, 2024.

* Essas atividades ocorrem após a culminância do projeto, isto é, nos dias subsequentes a apresentação. Enquanto a atividade de entretenimento visa exclusivamente a celebração e descontração do grupo, a reunião de avaliação e *feedback* tem como objetivos apontar os pontos positivos e os que precisam de melhor desenvolvimento. A avaliação final feita de forma coletiva além de realizar o fechamento de todo um trabalho, constrói as mudanças necessárias que serão fundamentais na realização de futuros projetos. Por ocasião desse encontro os alunos conseguem fazer uma comparação reveladora entre o início do projeto e sua culminância. Apontam suas próprias transformações e de forma coletiva e espontânea apresentam os desafios internos superados no decorrer do trabalho.

As etapas metodológicas da TEG ocorrem alternadamente de forma sequencial e de forma concomitante de acordo com a fase em que o projeto se encontra. A TEG segue um encadeamento de etapas metodológicas com objetivos específicos como evidenciado no quadro 1. Todavia faz-se necessário enaltecer que como todo trabalho de criação realizado de forma coletiva a condução do desenvolvimento da TEG estará condicionada ao grupo e as circunstâncias do processo. Na prática é o professor-orientador que com sua percepção entenderá as necessidades e dificuldades do grupo, alterando dessa forma o tempo de construção de determinada etapa.

Quadro 1 – Etapas metodológicas e objetivos da TEG (continua)

Etapas Metodológicas		Objetivos
1	Definição do tema norteador	Definir/apresentar o tema que será estudado e apresentado
2	Levantamento Bibliográfico	Elencar as fontes bibliográficas que serão utilizadas para a elaboração dos textos e discussões
3	Discussões e debates coletivos	Construir o raciocínio geográfico de forma coletiva com a mediação do professor-orientador.
4	Divisão do grupo em subgrupos e subtemas	Possibilitar a autonomia e coletividade do grupo em delimitar e definir as atividades afins
5	Aprofundamento da bibliografia dos Subtemas	Ampliar o conhecimento científico sobre o

		tema específico abordado pelo subgrupo
6	Discussão coletivas dos subtemas (cada subgrupo apresenta o estudo e todo o grupo constrói o conhecimento de forma coletiva e colaborativa)	Desenvolver o raciocínio geográfico de forma Mais ampla e coletiva sobre todo o projeto em construção.
7	Preparação dos textos de Apresentação	Transformar o saber científico em linguagem teatral visando a apresentação
8	Definição em grupo do arcabouço Musical (neste encontro se define, mas a pesquisa musical ocorre desde o início)	Pesquisar e definir as músicas que serão utilizadas na produção artístico-geográfica
9	Definição e preparação do cenário	Elaborar o cenário que se constituirá em linguagem não-verbal do projeto
10	Definição e teste dos personagens e demais funções	Organizar o grupo delimitando cargos e funções
11	Ensaios	Preparar o aluno-ator para a apresentação teatral
12	Reuniões para discussões sobre alterações e aperfeiçoamentos	Aperfeiçoar processos e repensar processos em consonância com o escopo do projeto
13	Dinâmica de inteligência emocional	Possibilitar ao aluno o desenvolvimento de suas potencialidades
14	Apresentação Teatral	Transmitir ao público todo o projeto construído de forma coletiva ao longo das semanas
15	Atividade de entretenimento (Reunião-sociocultural)	Celebrar e reafirmar as conquistas do trabalho coletivo
	Avaliação do projeto & feedback.	Avaliar o projeto enquanto processo coletivo e fazer uma autoavaliação quanto à participação nele.

Fonte: O autor, 2024

Projeto 01

A fome no mundo Globalizado – 2011

Conteúdos geográficos trabalhados

Nesse projeto, à luz da Geografia agrária, foram estudadas e discutidas as questões que envolvem a produção agropecuária e sua espacialidade no Brasil e no mundo relacionando-a às questões socioeconômicas de milhões de pessoas que sofrem com a fome e com a subnutrição ainda marcantes no século XXI em inúmeros países como o nosso. A reboque da produção alimentícia foi construída toda uma discussão epistemológica sobre a questão fundiária em nosso país e de como a concentração de terras corrobora para a desigualdade socioeconômica de nosso país. Aprofundou-se neste trabalho as questões que envolvem a luta do homem pela terra através de movimentos sociais como o MST¹ que reivindicam a implementação de uma reforma agrária plena e denunciam os latifúndios improdutivos. Essas grandes extensões de terra que nada produzem agredem frontalmente a constituição do Brasil que defende a função social da terra, a de produzir alimentos. O projeto também lançou um olhar sobre a condição dos miseráveis que mergulham no mercado informal e muitas vezes se submetem a exploração e a trabalhos degradantes como única maneira de enfrentarem a fome e se manterem vivos.

Objetivos específicos da teatralização

- Estudar a fome e sua espacialidade no Brasil e no mundo relacionando-a às questões socioeconômicas;

¹ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento social, de massas, autônomo, que procura articular e organizar os trabalhadores rurais e a sociedade para conquistar a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil.

- Compreender os mecanismos políticos e econômicos que corroboram para a fome no mundo globalizado;
- Desenvolver uma análise crítica sobre o paradoxo de sermos um dos países que mais exportam alimentos e que mais possuem pessoas em vulnerabilidade alimentar no mundo²;
- Analisar as questões da luta no campo contextualizando-as com a histórica estrutura fundiária concentradora em nosso país.

Inserida no Projeto Pedagógico Institucional *Expo Alimentos*, a teatralização “*A fome no mundo globalizado*” levou para a sala de aula e posteriormente para o palco do teatro Notre Dame – Ipanema, as discussões sobre as causas políticas, sociais e econômicas da fome no contexto de um mundo em transformação com suas incoerências e desigualdades. O projeto estudou os dados sobre a fome ainda presente em nosso país e mais particularmente nas ruas de nossa cidade, do nosso bairro, a parte da cidade onde construímos nossos laços afetivos e aumentando nossos olhares sobre a temática da fome em múltiplas escalas, regional, nacional e global.

Questões como desigualdade social, concentração de renda, subnutrição, concentração de terras, latifúndio improdutivo, coronelismo, a questão da terra no Brasil e as lutas no campo, a atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST pela Reforma Agrária, além da espacialização da fome pelo mundo e pelo Brasil foram problematizadas. Autores como Josué de Castro, Milton Santos, Graciliano Ramos e João Cabral de Melo Neto somados as estatísticas fornecidas por Instituições como IBGE, Ministério da Saúde, ONU, FAO, Médico sem fronteiras e Cruz Vermelha Internacional formaram o arcabouço teórico que subsidiaram os textos e vídeos construídos pelo grupo. A dramatização dialogou com a literatura ao interpretar e encenar em parte a obra consagrada *Morte e vida Severina* de João Cabral de Melo Neto musicalizada por Chico Buarque. O grupo tratou dos diversos atores que disputam terra no Brasil e do desequilíbrio de forças entre os latifundiários e os pequenos agricultores, os verdadeiros geradores de emprego no campo e que fornecem os alimentos de nossa cesta básica.

² No ano de 2010 morreram 6652 pessoas associadas à desnutrição no Brasil. Fonte: Datasus / Ministério da Saúde. Disponível em <https://datasus.saude.gov.br/>.

Esse trabalho transcendeu as paredes da Escola Modelar Cambaúba na qual foi concebido e apresentado inicialmente e foi inscrito no Festival de Teatro da Escola Notre Dame em Ipanema (figura 01). Tratando de um tema social extremamente relevante e delicado, o ensino de Geografia conquistou os palcos da parte mais valorizada da cidade evidenciando através de vídeos, textos, músicas, imagens, poesia e expressão corporal o lado mais duro da desigualdade social, **a fome**. Dialogando aqui francamente com Boal (1982; 2011) quando o dramaturgo afirma que fazer teatro no Brasil é em si um ato revolucionário. Digo que construir o raciocínio geográfico sobre a luta histórica do movimento social MST que luta pelo direito inalienável do direito à terra contra o latifúndio improdutivo, nos palcos de uma escola tradicional em um dos bairros mais ricos do Brasil é tão revolucionário quanto.

Figura 01 – Cartaz oficial do Festival de Teatro Notre Dame 2011



Fonte: Foto oficial do festival de teatro da Escola Notre Dame, 2011.

Como consagração de um projeto de aprendizagem-ensino completo, resultado de um esforço coletivo entre professor-orientador (diretor teatral) e alunos-

atores, a peça “A fome no mundo globalizado” foi premiada com o título Menção Honrosa (figura 02) pela comissão organizadora do evento. Vale ressaltar que tal premiação não constava no edital do festival, todavia mediante a provocação e reflexão proporcionada pelo raciocínio geográfico construído na apresentação teatral e de como a discussão atravessou os jurados, foi decidido em reunião extraordinária incluir uma premiação que contemplasse o alcance crítico-social que a obra geográfico-artística atingiu. Essa premiação foi consagradora e legitimou a proposta metodológica da teatralização no ensino de Geografia – TEG como uma condição possível e comprovada de construção do raciocínio geográfico.

Figura 02 – Título de Menção Honrosa



Fonte: IX Festival Intercolegial de Teatro Notre Dame, 2011.

Projeto 02

A exploração do homem pelo homem na América Latina – 2013

Conteúdos geográficos trabalhados

Neste trabalho o conceito de território foi construído a partir dos processos históricos de colonização, exploração e escravização dos africanos e indígenas na América espanhola e portuguesa. As raízes do subdesenvolvimento da América Latina foram contextualizadas à luz da expansão marítima dos séculos XV à XVII e da acumulação capitalista presente nos séculos de colonização a qual fomos submetidos.

A desterritorialização dos negros escravizados trazidos à força e sua reterritorialização em terras da América portuguesa foram conteúdos nos quais os alunos edificaram o raciocínio geográfico. Somado as questões supracitadas somaram-se os estudos sobre o processo de aculturação dos povos indígenas que foram sumariamente mortos por combates e/ou por doenças trazidas pelos colonizadores, classificada como guerra biológica, para as quais os povos originários não possuíam imunidade. A expressão cultural com todo seu patrimônio imaterial de indígenas e africanos foi estudada, discutida e transformada em representação teatral para que o raciocínio geográfico fosse elaborado.

Objetivos específicos da teatralização

- Entender o processo de colonização exploratória da América Latina efetuado por portugueses e espanhóis;
- Compreender a importância cultural dos povos originários e dos africanos na formação da cultura brasileira;

- Analisar o processo de aculturação promovida por portugueses e espanhóis junto aos grupos étnicos escravizados;
- Estabelecer uma relação causal entre o tipo de colonização estabelecido na América Latina e o atual estado de subdesenvolvimento de seus países.

Inserida no Projeto Pedagógico Institucional Américas, a teatralização *A exploração do homem pelo homem na América Latina* (figura 03), levou para a sala-palco as características culturais dos povos originários bem como as atrocidades históricas cometidas por portugueses e espanhóis em seus processos colonizatórios que marcaram a América Latina. Aprofundou -se nesse projeto o conceito de território, uma vez que tanto africanos como indígenas foram desterritorializados por seus colonizadores. Traçou-se um paralelo entre a exploração colonial de séculos passados com os processos de exploração do homem pelo poder do capital. As relações entre global e local foram fundamentais para a construção do raciocínio geográfico.

O trabalho teve como base dos estudos e da apresentação a escravização dos índios e negros africanos tanto na América espanhola como na portuguesa. Autores como Eduardo Galeano (*As veias abertas da América Latina* e *A descoberta da América*), Darcy Ribeiro (*O Povo Brasileiro*), Laurentino Gomes (1808), José Saramago (*Ensaio sobre cegueira*) além de poesias como *Navio Negreiro*, de Castro Alves serviram como base para a elaboração dos textos, vídeos, imagens, poesias e reflexões sobre a condição de subjugação dos escravizados na América.

Com textos de José Saramago e Eduardo Galeano os alunos aprenderam, vivenciaram e ensinaram por meio da dramaturgia os relatos dos quebradores de pedra e dos mineradores que há séculos morrem um pouco por dia nas minas de prata, também conhecidas como as minas da morte de Potosí, Bolívia. Pela poesia de Castro Alves se construiu grande reflexão sobre as condições desumanas às quais foram submetidos os africanos escravizados. A religiosidade dos povos foi enaltecida como forma de entendermos como a colonização exploratória tentou de todas as formas aculturar sociedades africanas desterritorializadas e escravizadas no além-mar. Ao som de Zeca baleiro se dramatizou a questão das mulheres sexualmente exploradas, dentro de um contexto social hipócrita, machista e

moralista. Foi um projeto decolonial³ que expôs uma sociedade construída na exploração do homem pelo homem, no racismo, na coisificação da criatura humana tendo como objetivo fundamental a acumulação de riquezas para as coroas da península ibérica.

Figura 03 – *A exploração do homem pelo homem na América Latina*



Fonte: O autor, 2013.

O projeto foi apresentado para cerca de 250 pessoas, incluindo alunos, professores e demais visitantes que estiveram na EXPO 2013. Os alunos envolvidos no projeto construíram o raciocínio geográfico sobre a desterritorialização dos povos africanos e indígenas da América. O tema da exploração do homem pelo homem possibilitou intensas discussões sobre nossa vulnerabilidade ante o poder do capital em diferentes épocas e sociedades. Foi elaborado um diálogo sobre as forças que nos escravizam na atualidade sob a roupagem da exploração capitalista.

³ O termo decolonial deriva de uma orientação teórica reivindicada por um grupo de pensadoras e pensadores latino-americanos que saiu em defesa de um pensamento crítico a partir dos subalternizados pela modernidade capitalista. A palavra invoca uma série de ações transdisciplinares para contrapor as formas dominantes de caráter eurocêntrico de produção de conhecimento histórico e social (OLIVEIRA *apud* RUFINO, p. 41, 2021)

Projeto 03

Estamira uma dramatização geográfica – 2014

Conteúdos geográficos trabalhados

Neste projeto os estudos se concentraram na área de Geografia Urbana e Geografia da População. O objeto de estudo foi a coletora de materiais recicláveis Estamira Gomes de Souza que viveu por 22 anos da coleta de resíduos sólidos no aterro sanitário de Gramacho e todo o contexto socioeconômico na qual estava inserida. Para a construção do raciocínio geográfico foi estudado e debatido os conceitos de exclusão social, invisibilidade social, concentração de renda, especulação imobiliária, segregação socioespacial e políticas públicas para pessoas em vulnerabilidade social.

Tendo a Região Metropolitana do Rio de Janeiro como recorte territorial, mais precisamente o município de Duque de Caxias e fazendo uma relação direta com a população em situação de rua de nossa cidade os alunos desenvolveram seus estudos sobre a exclusão social que assola nossa sociedade. Os alunos dialogaram com a situação de vulnerabilidade dos catadores de resíduos sólidos.

No Brasil a Lei nº 12.305/10⁴, institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) que possui instrumentos fundamentais para permitir a fiscalização e punição para os principais problemas ambientais, sociais e econômicos decorrentes do manejo inadequado dos resíduos sólidos. A lei tem como objetivo principal a prevenção e a redução na geração de resíduos, tendo como proposta a prática de hábitos de consumo sustentável e um conjunto de instrumentos para propiciar o aumento da reciclagem e da reutilização dos resíduos sólidos (aquilo que tem valor econômico e pode ser reciclado ou reaproveitado) e a destinação ambientalmente adequada dos rejeitos (aquilo que não pode ser reciclado ou reutilizado).

⁴ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm

Objetivos específicos da teatralização

- Compreender as causas e consequências dos processos de exclusão social;
- Entender as questões político-econômicas que corroboram para a situação de vulnerabilidade social dos catadores de materiais recicláveis;
- Analisar como a concentração de renda associadas às políticas públicas ineficientes corroboram para a prática dessa atividade degradante.

Quebrando paradigmas de ensino, alunos do subúrbio carioca, de forma proativa, coletiva e colaborativa construíram seu processo de aprendizagem-ensino. Saindo das salas de aula e ampliando seu raciocínio geográfico desembarcaram em uma escola tradicional de Ipanema com pneus, plásticos, garrafas e itens típicos de um lixão como o do Aterro de Gramacho, localizado no município de Duque de Caxias. A construção do cenário, tanto do lixão como da reconstituição da residência da catadora de lixo, usou apenas elementos reciclados, buscando assim uma imersão e congruência com os aspectos cotidianos de uma figura ímpar em nossa sociedade, Estamira Gomes de Souza, uma mulher que acordou a sociedade com sua visão de mundo. A visão metafísica da sua realidade dura, e de sua relação com uma sociedade excludente que torna invisível aqueles que são imprescindíveis para a realidade visível.

O projeto *Estamira* (figura 04), realizado na Instituição Colégio e Curso Carpe Diem, escola de Ensino Médio nasceu dentro de uma aula do 2º ano, cujo conteúdo programático era Espaço Urbano e Segregação. Dentro dessa temática se descortinaram múltiplos questionamentos por parte dos alunos, sobre o quão excludente é a nossa sociedade com seus antagonismos e incoerências. Aqui em

conjunto com o arcabouço teórico sobre o tema o grupo se inspirou livremente na exibição do documentário *Estamira* de Marcos Prado⁵

Fig. 04 – Casa da Estamira



Fonte: O autor, 2024

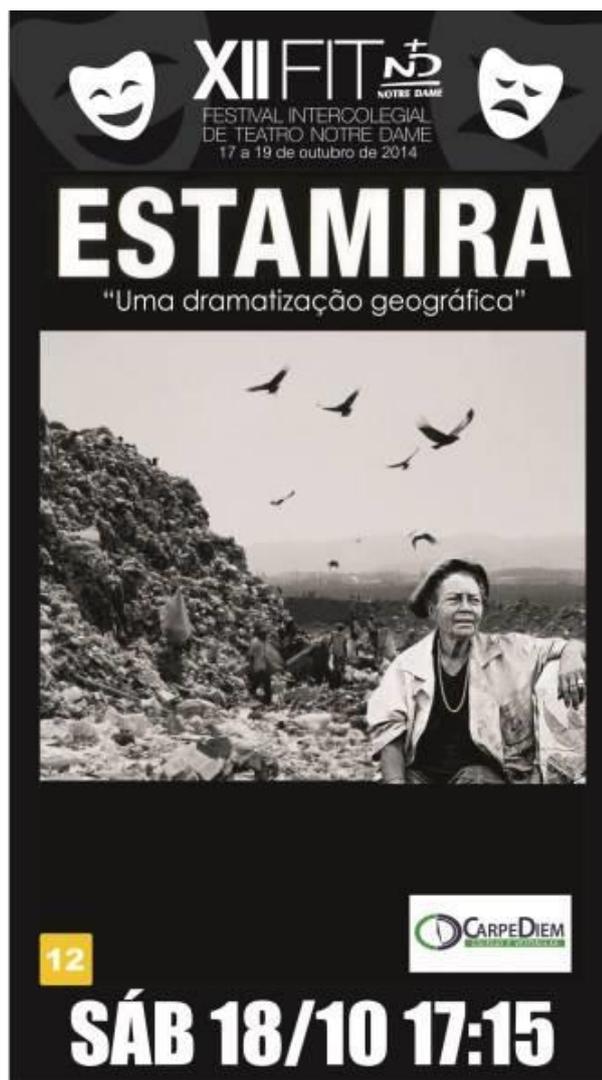
A concentração de renda, a desigualdade socioeconômica, a invisibilidade social, a desigualdade de oportunidades assim como a especulação imobiliária são características do Brasil, em especial da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – RMRJ. Essa realidade dura que grita para uma sociedade cada dia mais surda que

⁵ O documentário *Estamira* dirigido por Marcos Prado e produzido por José Padilha foi lançado no ano de 2005. A obra narra a vida de Estamira Gomes de Sousa, uma mulher de 63 anos que sofre com comprometimentos mentais e trabalha há mais de vinte anos no aterro sanitário de Jardim Gramacho, localizado em Duque de Caxias. Com uma visão de mundo que transita entre a poesia, a filosofia e o universo das psicopatologias, a personagem traz à tona questões que nos atravessam como desigualdade social, descarte do lixo, desrespeito ao ser humano, dignidade e as agruras da sobrevivência de tantos como ela que construíram suas vidas com o material descartado pela sociedade e transformaram o lixão de Gramacho um lugar.

impõe a meritocracia como um polêmico caminho de possibilidades e (in)justiças, mergulhado numa estrutura social historicamente desigual e injusta. Sociedade essa que constrói paradoxalmente o seu discurso e a sua constituição na construção de um cidadão de papel. A partir dos questionamentos e inquietações provocadas pelo documentário foram intensas semanas de debates, reflexões e a preparação de uma dramatização que sob um olhar geográfico se debruçasse sobre a condição social das inúmeras “Estamiras” de nosso país. O projeto lança um olhar sobre as mulheres pobres, pretas e periféricas. Evidencia o papel da interseccionalidade e os processos de exclusão social sobre os corpos subalternizados e discriminados tanto por sua condição socioeconômica quanto por seu gênero.

Esse projeto também ultrapassou os muros da Escola onde foi concebido e após a apresentação realizada na escola os alunos aceitaram e se propuseram a um novo desafio, a construção do raciocínio Geográfico em um ambiente que ao mesmo tempo unisse Teatro, Educação Geográfica e superação das próprias dificuldades. A apresentação, graças a uma parceria, alcançou o palco do teatro Óperon, pertencente ao Colégio Estadual Maria de Lourdes de Oliveira Lavor, “Tia Lavor” localizado na Ilha do Governador próximo ao Colégio e Curso Carpe Diem. Estavam presentes cerca de 200 pessoas que lotaram o teatro pra assistir jovens encenando uma realidade infelizmente presente em nosso cotidiano. Após diversas dificuldades esse projeto também foi inscrito e aprovado no processo seletivo para o festival intercolegial de teatro do Colégio Notre Dame em 2014 (figura 05).

Figura 05 - Banner oficial do festival de teatro - Colégio Notre Dame



Fonte: XII Festival Intercolegial de Teatro. Colégio Notre Dame, 2014

Projeto 04

Um grito de liberdade na cidade maravilhosa – 2015

Conteúdos geográficos trabalhados

Nesse trabalho o tema central do Projeto Pedagógico da Escola foi cinema. Devido a abrangência do tema e da necessidade de se ter um trabalho relacionado a um projeto cinematográfico, o filme *Um grito de liberdade*⁶ foi entendido como uma excelente obra para se trabalhar diversos conteúdos geográficos. Dialogando com a Geografia da População e Geografia Urbana os alunos se viram atravessados pelas questões que envolviam tanto a população preta da África do Sul quanto com as populações marginalizadas das favelas cariocas. O raciocínio geográfico foi a partir dos estudos sobre discriminação racial, desigualdade e exclusão social, concentração de renda, política de habitação popular e a consequente crise da moradia, violência de estado e a própria vulnerabilidade do estado democrático de direito que não consegue garantir de forma plena cidadania às populações de baixa renda.

Objetivos específicos da teatralização

- Compreender os processos de discriminação racial e social ocorridos durante a política do *Apartheid* na África do Sul;
- Entender as práticas de segregação social e falta de moradia as quais estão submetidas as populações de baixa renda das favelas cariocas;
- Analisar criticamente a ineficiência das políticas públicas de moradia para as populações carentes das favelas e áreas periféricas.

⁶ Um grito de liberdade é um filme lançado em 1987 com direção de Richard Attenborough. A obra retrata a África do Sul dos anos 70. Donald Woods, um jornalista branco, se aproxima de Stephen Biko, um ativista político negro que luta contra o apartheid. Biko foi executado em 1977 na prisão e Donald, exilado, dedicou-se a divulgar a luta do líder africano pela liberdade.

- Desenvolver um pensamento crítico sobre os pressupostos do estado democrático de direito e a realidade socioespacial dos moradores das favelas cariocas;
- Relacionar e comparar condições socioeconômicas tão semelhantes entre sociedades cultural e fisicamente tão distantes.

Foi traçado um paralelo entre as questões sobre política racial na África do Sul e a prática do apartheid social no Brasil. As questões da desigualdade social, do desrespeito à constituição, a invasão das propriedades das populações faveladas, da construção do sentimento de pertencimento e a própria construção do conceito de lugar foram questões desenvolvidas neste projeto. Além do filme que embasou o eixo norteador da teatralização foram utilizadas músicas de cantores de *raps* e grupos como *O Rappa* que retratam a realidade mais dura das populações excluídas. Partindo dos *Bantustões*⁷ da África do Sul (criar uma nota de rodapé) e chegando às favelas cariocas figura (06), o lugar por excelência das práticas sociais mais excludentes em nossa cidade.

Figura 06 – Cenário sobre a relação Estado-favela



Fonte: O autor, 2015

⁷ O termo foi usado pela primeira vez no final da década de 1940, cunhado a partir de *bantu* (que significa *pessoas* em várias línguas bantas) e o sufixo *-stão*, que significa *terra* ou *nação* em persa. Um **bantustão** era um território segregado para negros na África do Sul

A reflexão sobre o racismo oficial da África do Sul através de uma política oficial e sua comparação ao racismo estrutural do Brasil nos fez pensar que temos mais em comum com nossos irmãos africanos do que pensamos. A sala-teatro ou sala-palco foi construída com elementos que deixasse evidente a relação Estado-população preta na África do Sul e Estado-população pobre das favelas cariocas. Entender que tanto os negros africanos quanto a população favelada da dita cidade maravilhosa foram historicamente alijadas dos direitos básicos de cidadania como moradia, saúde, educação, saneamento básico, inviolabilidade do lar dentre outros. A garantia de direitos é a base inexorável do Estado democrático de direito e através desse trabalho os alunos construíram o conhecimento geográfico a respeito das vulnerabilidades de uma democracia em construção. A figura 06b ilustra um cotidiano trágico das populações moradoras das favelas cariocas, a relação estado-população pobre. O fatídico mandado coletivo para revista das pessoas e a reintegração de posse de terrenos ocupados por moradores de baixa renda, outrora sem uso, contrariando frontalmente sua função social.

Figura 06b – Ensaio Geral: cena sobre reintegração de posse em comunidade carioca



Fonte: O autor, 2015

Os alunos ampliaram seus olhares sobre uma realidade presente que grita para uma sociedade surda. O racismo e a exclusão social foram intensamente discutidos de forma coletiva para a construção do raciocínio geográfico como sintetiza o aluno JK

no meu ano o assunto abordado foi "Um grito de liberdade na cidade maravilhosa ", onde o racismo foi o assunto mais abordado, infelizmente o racismo é algo que ainda é muito presente na nossa sociedade, por isso, não foi muito difícil de notar semelhanças entre o que foi abordado na teatralização com situações que foram presenciadas no dia-a-dia. (Anexo N)

Projeto 05

Intolerância religiosa: a ferrugem que corrói a alma – 2017

Conteúdos geográficos trabalhados

Neste projeto os alunos se viram desafiados a trabalhar questões complexas em múltiplas escalas de análise, do local ao global. Devido a complexidade do tema vários foram os conteúdos geográficos trabalhados com destaque para geografia cultural ao serem estudadas seis religiões de expressão global e/ou nacional, geopolítica, disputas territoriais, práticas sociais, intolerância religiosa.

Objetivos específicos da teatralização

- Compreender a prática religiosa como fundamento cultural, carregada de símbolos, significados e representações;
- Analisar a espacialidade das religiões e sua influência sobre políticas e práxis social;
- Desenvolver um pensamento crítico sobre a intolerância religiosa e suas múltiplas formas de atuação em nossa sociedade;
- Estudar e esclarecer as características das religiões de matrizes africanas que foram historicamente perseguidas e alvo de intolerâncias em nossa sociedade, tornando uma representação decolonial;
- Possibilitar a alunos e espectadores uma reflexão profunda sobre as práticas sociais discriminatórias oriundas de adeptos de religiões hegemônicas.

Nesse trabalho o tema central do Projeto Pedagógico da Escola foi *Emoções* e o trabalho abordou a questão da Fé em suas múltiplas dimensões e expressões. Foram elencadas seis religiões que representassem a expressão da religiosidade de diferentes culturas em sua espacialização global. O projeto de aprofundou nos

conceitos de território ao estabelecer as disputas entre palestinos e judeus e de lugar à medida que se traçou toda uma relação entre a construção do lugar pela ótica do sagrado. A construção do lugar pela perspectiva do sagrado se torna emblemática na prática ritualística das religiões de matriz afro-brasileira, sintetizando aqui nas duas maiores, Candomblé e Umbanda. Desde seu tráfico e posterior escravização os diversos grupos étnicos africanos passaram a realizar suas práticas religiosas em solo brasileiro. Corrêa (2006) sobre a questão dos africanos escravizados e suas práticas de reterritorialização, afirma que o território móvel ou que é transposto realiza-se na produção de símbolos, que são portadores da vida em si mesmos.

Dentre todos os projetos esse foi sem dúvida o mais desafiador por se tratar de um tema tão delicado e de difícil abordagem. A pesquisa bibliográfica por parte dos alunos os levou a muitos questionamentos e reflexões sobre a importância da religião e do alcance político, econômico, social e espiritual que as mesmas possuem. As interpretações foram embasadas de concentração, superação, respeito e emoção durante os ensaios e apresentações (figura 07). A construção do sagrado é um campo permeado de subjetividades, símbolos, representações e idealizações próprias do infinito particular daquele que crê.

Figura 07 – Projeto Intolerância Religiosa



Fonte: O autor, 2017

As religiões elencadas para o projeto foram: Catolicismo, Protestantismo, Hinduísmo, Islamismo, Judaísmo e Umbanda. Interpretando artigos acadêmicos como Rosendahl (1996)⁸ e Souza & Ficagna (2016)⁹ além de livros religiosos, os alunos levaram ao palco questões de disputas territoriais como a da Palestina onde o conflito religioso é apenas um componente dentro da disputa territorial. As questões político-religiosas como as travadas na Irlanda, onde católicos e protestantes se enfrentam há décadas com efetiva participação do grupo IRA.

O projeto mergulhou numa reflexão acerca da perseguição sofrida por todos que eram considerados hereges pela Igreja católica durante a inquisição. Para a encenação o grupo dialogou com a obra *O nome da Rosa*, de Umberto Eco. A cena mais emocionante e mais carregada de desafios foi sem dúvida a execução de uma mulher simples que usava ervas para se curar, prática condenada por bruxaria. A pena prescrita pelos igreja era a morte na fogueira.

Todavia nada foi mais desafiador, provocador e revolucionário do que apresentar de forma intertextual inúmeros casos de intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana, no caso a Umbanda, a única religião genuinamente brasileira. A imersão no universo transcendental da Umbanda, uma religião ritualística, conduziu os alunos a reflexões e discussões sobre um ambiente sagrado sob a égide da religião, todavia corriqueiro na prática social. Trata-se de um cruzamento de ruas, uma esquina, uma encruzilhada. Um logradouro público, fruto do processo urbanístico de loteamento e crescimento das cidades, todavia carregado de simbolismos. Em tais localidades têm-se um dos fundamentos de grande importância para a cosmogonia da Umbanda. A encruzilhada é um portal dimensional, é a materialização do entrecruzamento de energias

Os alunos compreenderam a seriedade do tema e dos desdobramentos de um trabalho dessa natureza para um público pouco acostumado a discutir sobre questões que envolvem práticas sociais e culturais contra hegemônicas. A prática umbandista foi claramente demonstrada através de orações, rituais e oferendas realizadas ao som de atabaques e cânticos realizados por alunos que até então desconheciam as nuances dessa religião. O clímax, no entanto, foi atingido na cena

⁸ Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Zeny Rosendahl. Eduerj. 1996.

⁹ Do preconceito à intolerância religiosa. Guilherme Muniz de Souza e Lais Regina Dall'Agnol Ficagna. Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias/Vol. 03- Nº 2/JulDez 2016

de saudação a Exú (figura 08), construída e realizada numa atmosfera tensa na escola. A cena basicamente retratava um confronto verbal entre duas pessoas. Em uma rua da cidade carioca, mais precisamente numa encruzilhada, um adepto da religião de Umbanda, enquanto fazia sua oferenda, foi desrespeitado veementemente por uma transeunte que reproduzia jargões discriminatórios sustentados até hoje por parte de uma sociedade intolerante. A cena tomou contornos dramáticos quando encontrou ressonância numa assistência que atônita assistia aos jovens de 17 anos saudando Exú e clamando por uma sociedade mais tolerante que respeite o sagrado de cada um. A teatralidade constrói e desconstrói dialeticamente o homem em constante construção e desconstrução, o homem continuamente inacabado.

Figura 08 – Oferenda e saudação à Exú na encruzilhada



Fonte: O autor, 2017

Esse foi um dos trabalhos mais enriquecedores de nossas vidas. A discussão sobre questões religiosas foi de fundamental importância para a construção do raciocínio geográfico dos alunos. Entendo que esse projeto partiu de um desafio muito grande que foi o processo de desconstrução de preconceitos há muito

enraizados em nossa sociedade. Interpretar uma religião totalmente desconhecida e mesmo evitada por alguns foi desafiador como nos traz a fala da aluna M.C.

A TEG sobre intolerância religiosa me modificou em diversos sentidos. Muito além do trabalho em grupo, da dedicação constante e horas ensaiando e compondo a peça, mas na percepção de que nós também somos fatores que influenciam diretamente a sociedade e o nosso redor e, assim, cada um de nós também somos responsáveis pra disseminação de ódio que ainda acontece pelo mundo e isso se encaixa em diversos fatores, não só na questão religiosa. Como Católica, no início foi um trabalho difícil interpretar a mãe de santo, mas aprendi muito com ela, com todo o cenário, o sofrimento dos fiéis com a barbaridade sofrida e no final, todos estamos unidos em um só propósito: fé. (Anexo S).

O projeto possibilitou um aprofundamento em questões culturais e práticas sociais até então pouco refletidas pelos alunos. O alcance desse projeto é evidenciado na fala da aluna M.A.

Falar sobre religião, especificamente da intolerância religiosa, foi algo que me tirou muito da minha rotina. Venho de uma família “católica não praticante” e foi a primeira vez que esse tema foi pauta para mim. Por causa da EXPO, eu assisti filmes sobre o assunto com os meus pais e conversei muito a respeito. Percebi também que depois dessa experiência tive muito mais interesse nessas pautas como nos acontecimentos motivadores dos conflitos do Oriente Médio, por exemplo. (Anexo O)

Notoriamente esse projeto mergulhou no infinito particular de todos que construíram o trabalho de forma coletiva bem como nas pessoas que assistiram e suscitaram debates intensos sobre toda a reflexão proporcionada pela representação teatral. Foram ao todo 13 apresentações para um público estimado de 450 alunos, professores e familiares. O alcance espacial desse trabalho atingiu outras escolas através de alunos que visitaram a EXPO 2017.

Projeto 06

Alienação Social: da apatia coletiva ao desespero individual – 2019

Conteúdos geográficos trabalhados

Este trabalho estava inserido no Projeto Político Pedagógico Expo 2019 que tinha como tema norteador *É preciso cantar*. Neste projeto alunos e professor mergulharam nas questões que de forma exponencial vem alienando as pessoas quanto as questões sociais e éticas nos colocando num mundo distópico, onde pessoas são subordinadas e até mesmo substituídas emocionalmente por máquinas. Os conteúdos geográficos associados às ciências sociais abordaram temas como população, economia, tecnologia no processo produtivo, consumismo, fetichismo social, o esfacelamento do estado democrático de direito em sociedades ditatoriais como ocorrido no Brasil entre 1964 e 1985.

Objetivos específicos da teatralização

- Entender as estratégias de como o grande capital na manipulação das pessoas transformando-as em uma sociedade de consumo;
- Analisar como a utilização excessiva da tecnologia tem interferido nas relações pessoais;
- Criar uma atmosfera de reflexão a partir da utilização do arcabouço teatral sobre os atos desumanos das ditaduras e a apatia, quando menos, de parte da sociedade;
- Desenvolver um pensamento crítico sobre como a sociedade está sendo manipulada pelas redes sociais para fins políticos e econômicos.

O trabalho se aprofundou na trajetória das sociedades que banalizaram a violência, a ditadura, a tortura e a alienação das pessoas quanto a realidade social na qual estamos inseridos. O consumismo, o imediatismo, a individualização de uma

sociedade cada vez mais egoísta foram os temas norteadores para a materialização deste trabalho coletivo. A teatralização (figura 09) enfrentou grandes desafios como a complexidade do tema, a dificuldade do entendimento das mudanças nas relações pessoais e do contexto político pelo qual o país estava passando.

Figura 09 – Cena sobre consumismo baseada na música *Resposta ao funk ostentação* / Edu Krieger



Fonte: O autor, 2019

A pesquisa bibliográfica nos levou a autores como Zygmunt Bauman¹⁰, Milton Santos¹¹, Erich Fromm¹², Cardeal Arns¹³, Aldous Huxley¹⁴ dentre outros cenas de tortura, relatos emocionados de familiares de torturados e discussões entre apoiadores e enfrentadores do regime de ditadura no qual nosso país atravessou (figura 10).

¹⁰ Modernidade Líquida. Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 258 páginas, 2001.

¹¹ Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal. 19ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2010

¹² Ter ou ser? Uma introdução ao pensamento humanista. Editora LTC, 1986.

¹³ Brasil nunca mais. Editora Vozes, 1985

¹⁴ Admirável mundo novo. Editora Biblioteca Azul, 2016.

Figura 10 – Cena entre uma filha de torturador e uma filha de preso político, torturado e morto



Fonte: O autor, 2019

A dramatização provocou reflexões e reações adversas por parte daqueles que apoiavam o sistema autoritário. Esse cenário foi realizado e emoldurado ao som de *Cálice* de Chico Buarque, para nos lembrarmos dos horrores de um sistema opressor e de uma sociedade extremamente dividida no contexto político de ano de 2019. A construção do raciocínio geográfico por meio da TEG fica evidenciada nas palavras da aluna BV que sintetizam sua percepção a partir de sua participação no projeto.

Ao meu ver, a TEG expõe de forma tangível conteúdos didáticos trabalhados dentro de sala de aula, ou seja, materializa e transforma conceitos e ideias de diferentes áreas da disciplina em situações da vida real, o que facilita o processo de aprendizagem. Dessa forma, tanto ao preparar o trabalho e a apresentação como ao apenas assisti-la, o educando consegue aprender por associação entre a teoria e a prática. (Anexo G).

Cenas de alienação pela tecnologia e pelas redes sociais (figura 11) que a cada dia estão mais presentes na vida de nossos jovens foram interpretadas através de uma cena com linguagem não-verbal que gritou às consciências presentes que precisamos refletir sobre o real controle de nossas análises e reflexões de um mundo complexo e cada vez mais fluido. A manipulação pelo consumismo imposto pelo sistema e pelas relações cada vez mais líquidas e descartáveis foram incorporadas as cenas carregadas de emoção e criticidade.

Figura 11 – A manipulação das pessoas pelas redes sociais



Fonte: O autor, 2019

CONSIDERAÇÕES FINAIS – RESULTADOS

Ficou evidenciado que o Recurso Educacional Teatralização no Ensino de Geografia - TEG pode ser aplicado na educação em seus diferentes segmentos, ainda que neste Recurso Educacional tenhamos nos debruçado sobre experiências construídas no ensino médio. Nesse projeto é proposto sua utilização nos anos finais do ensino básico (6º ao 9º) e no ensino médio (1º ao 3º). A TEG foi de grande importância para a construção do raciocínio geográfico, uma vez que de forma dinâmica, criativa e coletiva trouxe o aluno para o centro do processo de aprendizagem-ensino. Ao utilizar formas verbais e não verbais de comunicação a metodologia da TEG possibilitou diálogo entre a ciência geográfica e a arte em suas múltiplas formas.

Faz-se necessário enaltecer que a profundidade do tema abordado bem como a autonomia dos processos realizados na execução do projeto são diretamente proporcionais ao desenvolvimento intelectual do aluno. Sendo assim, ainda que a TEG como produto atenda a todos os níveis educacionais há de se apropriar e de mediar os alunos com maior ou menor grau de acordo com suas autonomias. Tendo como recorte alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio é fundamental que o professor proponha projetos factíveis em congruência com a faixa etária e escolar. Na prática os alunos dos anos iniciais possuem menos autonomia na elaboração de cenários e textos, mas essencialmente trabalham em grupos construindo o conhecimento geográfico, desafiando seus limites, desenvolvendo suas habilidades e rompendo com amarras político-ideológicas que o tornam menos pleno em suas potencialidades.

Todavia a TEG quando desenvolvida nos anos iniciais do Ensino Fundamental II terá maior grau de ingerência do professor-orientador. Essa percepção do professor-orientador em relação à autonomia dos alunos é fundamental. Na prática docente entendemos que as turmas são diferentes e únicas e dentro dessa diversidade na unidade nos deparamos com questões desafiadoras. É corriqueiro na prática docente lecionar para turmas completamente dispare, ainda que sejam do mesmo ano e segmento em uma mesma unidade escolar. Nesses

casos se faz necessário uma abordagem congruente com as características daquele grupo.

Ressalta-se aqui que a dinâmica teatral enquanto metodologia de ensino é uma quebra de paradigma no currículo escolar, ainda muito engessado em modelos de aula tradicionais, onde a exposição de conteúdos fica pautada no binômio emissor-receptor. Para as necessidades que se erguem num mundo tecnológico para uma geração cada vez mais virtual, a TEG se configura como uma condição possível e comprovada de metodologia de ensino que transfere o aluno de uma certa passividade, zona de conforto, para uma pró atividade que será uma promotora de mudanças tanto pedagógicas quanto pessoais.

A TEG se apresenta como uma possibilidade pedagógica transformadora e libertadora na construção do raciocínio geográfico dos alunos que de forma coletiva e colaborativa se tornaram protagonistas do processo de aprendizagem-ensino no qual estamos inseridos. O alcance dessa metodologia vai muito além do próprio processo pedagógico. Ao trabalhar em equipe assumindo o protagonismo do processo de aprendizagem-ensino, os alunos desenvolvem suas múltiplas habilidades, enfrentam desafios e mutuamente se ajudam nas dificuldades inerentes ao projeto que desenvolvem. A TEG possibilita ao aluno uma melhor resposta às questões pessoais que fazem parte de seu cotidiano, como expectativa, ansiedade, medo, capacidade de enfrentar questões imprevisíveis, liderança, autonomia dentre outras.

Os relatos dos alunos sobre seus processos de desenvolvimento social, cognitivo e pessoal a partir de suas participações nos projetos utilizando a TEG consubstanciaram nossas perspectivas sobre esta proposta metodológica. O produto TEG foi aplicado ao longo dos anos em 6 projetos, com a participação de cerca de 100 alunos atingindo um público estimado de 2000 pessoas. A proposta metodológica baseada na teatralização do ensino de Geografia se configurou numa possibilidade para docentes que desejem construir diferentes formas de ensinar.

Fica então a perspectiva de que tenhamos maiores e mais democráticos espaços de discussão e construção do conhecimento geográfico por uma prática dinâmica que tem no aluno a base da revolução de ensino que precisamos para desvendarmos e nos conectarmos com um mundo fluido e para uma geração cada vez mais conectada ao mundo digital e menos conectada ao mundo delimitado por

quatro paredes e um quadro branco. Que possamos compreender a escola como uma instituição inacabada, como inacabado somos todos. Que tenhamos mentes e corações abertos para novas formas de aprender e ensinar que possamos aprender com o processo docente aberto às mudanças que o tornam atemporal e único na formação dos seres humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- BENDER, William N. **Aprendizagem baseada em Projetos. Educação diferenciada para o século XXI**. Porto Alegre: Penso, 2014
- BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2011.
- _____. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1982.
- BRAGIONI, Guido Lins Lopes & ARAÚJO, Marina. **Corpo e espaço: uma reflexão dialética acerca do objeto de estudo da Geografia**. Geografia, Literatura e Arte, v.2, n.2, p. 49-64, jul./dez.2020.
- BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf> Acessado em: 09/10/2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/pesquisar?q=Geografia>. Acesso em: 10 de setembro de 2023.
- BRECHT, Bertold. **Estudos sobre teatro**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- BURLA, Gustavo & AGUIAR, Valéria Trevizani Burla. **O teatro e o ensino de Geografia**. 10o Encontro nacional de prática de ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.
- CAL, 2020. Página da web: <https://www.cal.com.br/sobre/historia>. Acesso em 15 de abril de 2023.
- CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional de Geografia - o professor**. Editora Unijuí, 2013.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Geografia brasileira, hoje: algumas reflexões**. Terra Livre, São Paulo, ano 18, v.1, n.18 jan./jun. 2002, p. 161-178.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 85p. 2007.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Raciocínio geográfico e a teoria do reconhecimento na formação do professor de Geografia**. Signos Geográficos, Goiânia-GO, V.1, 2019.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; PEREIRA, Marcelo Garrido Pereira; De Paula, Igor R. **O pensamento espacial e raciocínio geográfico: Considerações teórico-metodológicas a partir da experiência brasileira**. Revista de Geografia Norte Grande, 81: 429-456, 2022.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino**. In: CASTELLAR, Sônia. (org). Educação Geográfica: teorias e práticas docentes. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- CAVASSINI, Juliana. **Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica**. Revista científica / FAP. Curitiba, 2008.
- Cavernes du Volp. Trois-Frères. <http://www.cavernesduvolp.com>. Acesso em 03 de abril de 2023.
- CARTWRIGHT, Mark. **Ancient Greek Tragedy**. World History Encyclopedia, 2013. <https://www.worldhistory.org/Greek>. Acesso em 10 de setembro de 2023
- CEIA, Carlos: s.v. “Teatro”, **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, coor. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <http://www.edtl.com.pt>, consulta em 03 de abril de 2023.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números**. Tradução Vera da Costa e Silva.. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.
- CORRÊA, Aureanice de Mello. **O terreiro de candomblé: uma análise sob a perspectiva da geografia cultural**. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 51-62, 2006.
- CRUZ FILHO, Arlindo Domingos & DINIZ, José Mauro. **Meu Lugar**. In CRUZ FILHO, Arlindo Domingos. **Batuques do Meu Lugar**. Rio de Janeiro. Universal Music Publishing Group, 2007. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=letra+de+meu+lugar+arlando+cruz>
- CULTURA, 2019. Página da web: <http://cultura.rj.gov.br/theatro-municipal-um-acervo-historico-que-voce-precisa-conhecer>. Acesso em 20 de abril de 2023.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Lexikon Editora, 2010.
- DELPO. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Universidade de São Paulo – USP, 2023. Página da web: <https://delpo.prp.usp.br/>. Acesso em 10 de maio de 2023.
- DUARTE, R. G. & VANZELLA CASTELLAR, S. M. Raciocínio geográfico, pensamento espacial e cartografia na educação geográfica brasileira. **Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II, [S. l.]**, v. 9, n. 18, p. 17–24, 2022. DOI: 10.33025/grgcp2.v9i18.3833. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/GIRAMUNDO/article/view/3833>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- EBERLE, Oskar. **Cenalora: Leben, Glaube, Tanz und Theater der Urvolker**. Publicado por Olten: Walter, Suíça, 1954.
- ÉVORA, Fátima Regina R. **Discussão Acerca do Papel Físico do Lugar Natural na Teoria Aristotélica do Movimento**¹. Departamento de Filosofia. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2006.
- FARIA, João Roberto. **História do teatro brasileiro, volume 2: do modernismo às tendências contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva: Edições SESCSP, 2013.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI: o dicionário da língua brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 23.^a edição. 1970
- _____, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2017.
- GROTOWSKI, Jerzy Marian. **Em busca de um teatro pobre**. Ed. RJ: Civilização Brasileira, 1971;
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 1989. n13 ed. São Paulo: Edições Loyola.
- HOLZER, Werther. In MARANDOLA Jr., Eduardo, HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Lívia de (org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- JOUA, Graciela Inchausti de & SPERBB, Tania Mara. **A Metacognição como Estratégia Reguladora da Aprendizagem**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (2), 177-185. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2005.
- KOUDELA, Ingrid Dormien & ALMEIDA JÚNIOR, José Simões de. **Léxico de Pedagogia de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- LEITE, Rodrigo Moraes. **História do teatro no Brasil e na Bahia: das primeiras ações teatrais jesuíticas ao Pré-Modernismo**. - Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação a Distância, 2022.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). 1^a versão, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- MARANDOLA Jr., Eduardo. In MARANDOLA Jr., Eduardo, HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Lívia de (org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MARQUES, Roberto. **Raciocínio geográfico, base nacional comum curricular e docência**. Giramundo, Rio de Janeiro, v.9, n. 18, p.37 - 46, jul.-dez. 2022.
- MICHAELIS. **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa on line**. Editora Melhoramentos, São Paulo, 2023. Página da web: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues>. Acesso em 11 de maio de 2023.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed., Petrópolis: Vozes, 2001.
- MinC, Ministério da Cultura. **Cultura em números: anuário de estatísticas culturais - 2a edição** Brasília: 252 p. 2010.

- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- OBBER, J. *Mass and Elite in Democratic Athens: Rethoric, Ideology and the Power of the People*. New Jersey/Chichester: Princeton University Press, 1989.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **CURRÍCULO E PROCESSO DE APRENDIZAGEMENSINO: Políticaspráticas Educacionais Cotidianas**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. Currículo sem fronteiras, v.13, n.3, p. 375-391, set/dez. 2013.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- PRADO, Décio de Almeida. **Teatro de Anchieta a Alencar**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- RECH, Isabella Maria.; VIÊRA, Marivone Menuncin.; ANSCHAU, Cleusa Teresinha. **GERAÇÃO Z. Os nativos digitais**. Disponível em: <http://brasileconomico.ig.com.br/mundo/2015-02-13/geracao-z-os-nativos-digitais.html>. 2015. Acesso em: 13 de maio de 2022.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Crônicas. Organização Raúl Antelo. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.
- ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião. Uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro. UERJ / NEPEC, 1996.
- RUFINO, LUIZ. **Vence Demanda. Educação e descolonização**. Mórula Editorial. 1ª edição. Rio de Janeiro, 2021.
- SANTANA, Fábio Tadeu de Macedo. **Favela como Paisagem na Produção Fílmica da Série Cidade dos Homens**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói, Rio de Janeiro, 2018.
- SANTOS, Ivaneide Silva dos & SANTOS, Laiane Oliveira dos. **Interações entre teatro e Geografia na prática da educação geográfica**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 10, n. 20, p. 475-497, jul./dez., 2020
- SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: 10ª edição. Record, 2003.
- SOARES, L. M. de S. **Teatralizando o ensino de Geografia**. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, 3(5), 57– 81. 2013
- SOUZA, Ruidglan Barros de. **O Desafio da Cena: Estratégia Pedagógica para o Teatro na Escola**. **Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas** da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2009
- SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo. Perspectiva, 2010.
- SUESS, Rodrigo Capelle & SILVA, Alcinéa de Souza. **A perspectiva decolonial e a (re)leitura dos conceitos geográficos no ensino de geografia**. 2019 Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/35469/>. Acesso em 10 de jan. 2023.
- TENÓRIO, Maria Cristina. **Pré História da Terra Brasilis**. Editora da UFRJ, 1999.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar. A perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina, Eduel, 2013.

UNI-RIO. Página da web: <http://www.unirio.br/cla/escoladeteatro/historico>. Acesso em 10 de março de 2023.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador. Ed. Corrupio, 2002.

VIDAL, Lux (organizadora). **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética** - 2ª ed. - São Paulo: Srudio Nobel: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Apêndices

Este estudo utilizou a metodologia de pesquisa exploratória e qualitativa objetivando aprofundar o conhecimento sobre a proposta da Teatralização no Ensino de Geografia – TEG utilizada ao longo dos anos. Gil (2007) argumenta que a pesquisa exploratória envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem sua compreensão. A pesquisa qualitativa tem como foco o nível de realidade das relações subjetivas que não podem ser quantificadas. Para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa se debruça no universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. Para este estudo foram aplicados questionários a vinte ex-alunos que participaram ativamente dos projetos de Teatralização no Ensino de Geografia – TEG ao longo dos anos 2011-2019. As questões abordam as percepções dos alunos sobre a proposta pedagógica e seus desdobramentos em suas formações acadêmicas bem como em suas relações interpessoais dentro da comunidade escolar.

APÊNDICE A

Questões norteadoras sobre as Expos / Estamira

Nas questões norteadoras os projetos *EXPOs* realizados na Escola Modelar Cambaúba e o projeto *ESTAMIRA* realizado no Colégio e Curso Carpe Diem, são classificados como **TEATRALIZAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA – TEG**. Ao lado do nome de cada aluno está sinalizado o ano em que ele participou da TEG.

Teatralização I – A fome no mundo Globalizado (2011)

Teatralização II – A exploração do homem pelo homem (2013)

Teatralização III – Estamira: uma visão geográfica (2014)

Teatralização IV – Um grito de liberdade na cidade maravilhosa (2015)

Teatralização V – Intolerância religiosa (2017)

Teatralização VI – Alienação Social (2019)

1. Durante a EXPO / ESTAMIRA (**TEATRALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA - TEG**) houve produção de conhecimento científico?

2. **A TEATRALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA - TEG** contribuiu de alguma forma para o seu pensamento crítico socioespacial? E, em algum momento, você pôde traçar um parâmetro de análise entre o seu espaço vivido (a realidade de onde você vive) e os espaços estudados durante o evento? Comente.

3. Após ter participado da **TEATRALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA - TEG**, você percebeu alguma modificação no seu relacionamento com os estudantes de sala de aula, entre você e outras turmas, Professores, Coordenação pedagógica e Direção da escola? Comente.

4. Em sua opinião, é possível o educando (aluno) aprender o conteúdo didático através da **TEATRALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA - TEG** ? Comente.

5. Como você definiria a **TEATRALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA – TEG** na sua vida escolar ?

APÊNDICE B

Questionário 01 A.V. (2013)

1 – Sim. Para a construção do roteiro, cenário e produção da peça de teatro foram realizados diversos encontros para a discussão do tema, com a análise de textos, vídeos e filmes, o que contribui para um aprofundamento e melhor compreensão dos pontos abordados. Além disso, todos os alunos produziam trabalhos escritos acerca dos temas abordados na teatralização.

2 – A TEG foi fundamental para o entendimento, tanto dos alunos participantes quanto do público que assistiu, da distribuição socioespacial em nosso país. O trabalho realizado, a exploração do homem pelo homem, abordou o tema desde a chegada dos portugueses com a exploração da mão de obra escravizada, até os dias atuais, com a exploração do proletariado pela burguesia. O trabalho identifica e demonstra a separação espacial das classes, no início dividida entre casa grande e senzala, até sua distribuição nos grandes centros, afastando a classe menos abastada para os subúrbios e favelas.

3 – A relação com todos os alunos que participaram da TEG melhorou muito, o grupo se uniu para a realização do trabalho e se manteve assim mesmo após sua conclusão.

4 – Sem dúvidas. A Teatralização é um importante instrumento de reprodução da realidade de maneira didática e de fácil compreensão para todos os públicos, com a utilização de músicas e da dramatização.

5 – A TEG foi um importante instrumento de aprendizado e de fortalecimento de amizades tanto entre alunos quanto com os professores.

APÊNDICE C

Questionário 02

A.C.(2014)

1 – Considerando que a produção teatral resultou da exposição de diversos temas que compõem o cronograma curricular da disciplina de geografia, a partir da leitura de textos científicos, debates e da observação da sociedade, é possível concluir que houve a produção de conhecimento científico para além de uma pesquisa acadêmica.

A teatralização que envolveu os alunos permitiu o conhecimento aplicado das discussões relacionadas ao tema, tal qual a globalização, exclusão social, desigualdades e violências vividas. Nesse sentido, o conhecimento aplicado resultou na dramatização que buscou evidenciar e interpretar um problema social.

2 – Normalmente, os textos abordados em sala de aula apresentam uma linguagem técnica e teórica. Esses instrumentos, ainda que adequados para transmitir os conhecimentos em sala de aula, podem distanciar o aluno da realidade que possui diversos recortes, como os de gênero, de raça e de classe. Então, a exposição de um conteúdo a partir de filmes, documentários e dramatizações viabiliza uma aproximação entre a teoria e a realidade, possibilitando o exercício de valores como a empatia. Com isso, é possível perceber que o pensamento crítico é tensionado, fazendo que a turma questione constantemente a realidade que está inserida, os privilégios que usufrui e os comportamentos que fazem essa estrutura de exclusão, violência e desigualdade permanecer intacta ou sofrer algum tipo de transformação.

3 – Acredito que a participação trouxe muitos benefícios para a comunidade escolar. Ainda mais se considerarmos que a dramatização realizada no Colégio Carpe Diem perpassou por diferentes ambientes escolares. Inicialmente idealizada em um colégio particular, contou naquela época com a estrutura de um Colégio Estadual para a concretização do projeto. Além disso, a dramatização esteve presente em um evento promovido por uma conceituada escola particular localizada na zona sul da cidade. A ocupação desses lugares, de certa forma, segue o mesmo rito do trabalho: são espaços, pessoas e recortes diferentes, mas que possuem um objetivo semelhante e uma intenção comum, nesse caso, transmitir conhecimento, sensibilizar e impactar. Nesse sentido, a construção da dramatização atravessou de diferentes formas as pessoas que estavam inseridas naquele contexto, mas as aproximou com a intenção de representar uma realidade evidenciada tecnicamente nos livros.

4 – Com certeza. A teatralização do ensino aproxima o conteúdo do aluno, torna o ensino mais interativo e reflexivo, trazendo muitos questionamentos que irão contribuir para a conduta daquele indivíduo em formação na sociedade.

5 – A participação no projeto de dramatização foi impactante, visto que envolveu a ampliação dos conhecimentos na disciplina de geografia, mas também foi capaz de reforçar a necessidade da construção do pensamento crítico diante da conjuntura brasileira. Além disso, as trocas entre a turma, a necessidade de lidar com imprevistos, a introdução da arte em nosso cotidiano, dentre muitos outros acontecimentos, certamente revelou talentos que talvez não fossem descobertos se mantido o ensino tradicional.

APÊNDICE D

Questionário 03

A.C.G. (2019)

1 – Sim, acho que foi sempre nosso principal objetivo e o primeiro a ser alcançado.

2 – Com certeza, durante o projeto pude ter contato com relatos reais, pesquisas e dados que me deram uma visão mais ampla do que aconteceu nos períodos que foram estudados. Trazendo isso para a minha realidade posso dizer que consigo compreender melhor alguns funcionamentos sociais e como responder a eles com maior embasamento.

3 – Nenhuma mudança direta, as vezes ocorria apenas a curiosidade de como foi participar do projeto

4 – Sim, eu acho que expressar aquilo que se estuda torna o entendimento mais fácil, já que consigo sentir e entender melhor os fatos ocorridos.

5 – Na minha experiência esse trabalho de Teatralização foi o mais importante e impactante durante todo meu período escolar. É o trabalho que me lembro com mais detalhes de toda sua preparação e execução. Me trouxe um orgulho de ter feito parte e tocar em fatos tão sensíveis de forma tão madura me fez tomar consciência da importância desse trabalho. Com certeza será o projeto que levarei comigo por muito mais tempo e serei eternamente grata pela forma que o professor Rafael conduziu todo o processo.

APÊNDICE E

Questionário 04

B.F. (2019)

1 – Sim, o trabalho de teatralização que participei proporcionou, e muito, o desenvolvimento do meu conhecimento científico sobre o tema trabalhado.

2 – A TEG contribuiu bastante para a formação do meu pensamento crítico socioespacial. A teatralização do ensino de Geografia permite o exercício de vivenciar modelos socioespaciais diversos, além da minha realidade de vida. Essa experiência me proporcionou uma grande reflexão e amadurecimento diante das diferentes realidades, me situando como ser crítico na busca de uma sociedade mais igualitária.

3 – O trabalho de teatralização que participei envolvia alunos de diferentes turmas e séries do Ensino Médio. O grupo conviveu intensamente durante todo o período de preparação do trabalho, propiciando a formação de vínculos interpessoais. E, diante do sucesso na apresentação do projeto, percebi o reconhecimento do nosso empenho por parte dos professores, coordenadores e alunos da escola, desenvolvendo uma autoconfiança e elevando a autoestima dos alunos que eram mais introvertidos e tímidos, que era o meu caso. Tudo que aprendi nesse projeto, levarei como referência para a minha vida universitária e profissional.

4 – Na minha opinião, é mais que possível o aluno aprender o conteúdo didático através da teatralização. Durante toda a preparação do trabalho que apresentamos, participamos de estudos dirigidos, debates e pesquisas pautadas em referências bibliográficas específicas sobre o tema. Esse método não só estimula o aluno no aprendizado do conteúdo, como também solidifica o conhecimento adquirido de modo mais concreto e perene.

5 – Desde o Ensino Fundamental acompanhava o trabalho que o professor Rafael desenvolvia com os alunos realizando a teatralização do ensino de Geografia. Sempre admirava a desenvoltura e a apropriação do conhecimento dos alunos durante as apresentações e esperava ansiosa pela oportunidade de participar desse projeto. Quando pude fazer parte da TEG, percebi que era muito além do que o aprender o conteúdo acadêmico, mas era trabalhar muitas outras habilidades e competências que me ajudaram não apenas como aluna, mas como futura profissional. A participação na TEG ensinou-me a me relacionar com outros alunos além da minha série e turma, devido ao trabalho em equipe que era realizado. Também desenvolvemos o nosso pensamento criativo, além da autoconfiança quando tivemos que encarar de forma corajosa os nossos medos, timidez e inseguranças. Sem falar no comprometimento de todos os alunos envolvidos, que trabalharam com proatividade e foco no resultado. Entre outras coisas, não só eu, mas todos os envolvidos no projeto que participei tiveram a grande oportunidade de

aprimorar habilidades e desenvolver competências. Enfim, levarei para toda a minha vida os aprendizados dessa experiência incrível que é a Teatralização do Ensino de Geografia. Experiência única e inesquecível!

APÊNDICE F

Questionário 05

B.M. (2019)

1 – Sim. A produção do conhecimento científico se deu pela necessidade de descobrirmos a melhor forma de externalizar uma ideia ou conceito que queríamos abordar na apresentação. Com isso, através de estudo e de discussões, nós colocamos de forma prática algo que só estava, à princípio, no campo das ideias. Além de que a abordagem teatral nos obrigou a olhar para a realidade de forma muito mais humana, tanto pela seriedade do tema, quanto pelo desejo de tocar as pessoas e trazer uma nova perspectiva do assunto para elas.

2 – A TEG contribuiu para que eu, efetivamente, parasse e analisasse os espaços e as interações sociais à minha volta. Como o tema da minha EXPO foi o de Alienação social, eu passei, por exemplo, a reparar mais em discursos e estruturas que tentam esconder o preconceito e a desigualdade. Assim, diria que a TEG me tornou uma pessoa mais consciente.

3 – De imediato, durante o processo de preparação da EXPO, foi possível observar uma diferença de perspectiva em relação ao que tinha importância e deveria ser abordado. Nosso objetivo era incomodar, e isso de fato ocorreu nas instâncias administrativas da escola. Acredito que, nessa época, a TEG, entre os alunos, trouxe certa união em face à possibilidade de discutir temas que são pouco tratados, mas que têm extrema importância e refletem diretamente na nossa vida. Foi, de certa forma, nosso ato de rebeldia frente uma estrutura que buscava discursos mais brandos.

4 – Sim. Acredito que a TEG permitiu o aprendizado contextualizado do conteúdo didático, que se tornou mais do que palavras no papel. Com isso, o conhecimento acadêmico se aproximou da realidade, destacando a importância de seu aprendizado.

5 – A Teatralização do Ensino da Geografia foi, para mim, um meio de me abrir para a realidade e de aprender quase sem sentir. A TEG não traz o peso da cobrança de desempenho acadêmico e torna o aprendizado mais fluido. Foi um contraste muito grande experienciar a TEG e o modo tradicional de ensino que temos nas escolas. Creio que, definitivamente, é um meio de ensinar que deveria ser mais explorado.

APÊNDICE G

Questionário 06

B.V. (2019)

1 – Sim, com certeza. A TEG é baseada em temas do conteúdo didático de Geografia. Porém, durante a preparação do trabalho conseguimos estudar o assunto de forma muito mais aprofundada através de textos, imagens, músicas... A partir disso, conseguimos perceber os conceitos explorados apenas na teoria durante as aulas em nossa realidade.

2 – Sem dúvida alguma. Acredito que o estudo realizado durante a execução do trabalho me fez questionar e me trouxe reflexões acerca do assunto, evidenciando-o e me fazendo perceber como ele está presente na realidade em que vivo. Além disso, também me fez ficar mais atenta a como isso afetava a minha realidade e realidades diferentes da minha. Acredito que a experiência tenha me demonstrado que situações vistas e discutidas em sala de aula estão presentes no nosso cotidiano e que basta prestar atenção ao espaço social que vivemos para que possamos enxergá-las.

3 - Acredito que saí diferente depois que participei do trabalho, sendo mais atenta e crítica à sociedade e à realidade que vivo. Então, não acho que percebi uma diferença no meu relacionamento com nenhuma pessoa em específico, mas talvez eu tenha mudado meu comportamento em relação à sociedade como um todo. Porém uma coisa que percebi foi que, ao fim do projeto, eu e outros alunos que também participaram nos aproximamos muito depois de vivermos um período tão intenso juntos.

4 – Sim. Ao meu ver, a TEG expõe de forma tangível conteúdos didáticos trabalhados dentro de sala de aula, ou seja, materializa e transforma conceitos e ideias de diferentes áreas da disciplina em situações da vida real, o que facilita o processo de aprendizagem. Dessa forma, tanto ao preparar o trabalho e a apresentação como ao apenas assisti-la, o educando consegue aprender por associação entre a teoria e a prática.

5 – Eu definiria a TEG como um dos pontos altos da minha vida escolar. Entrei no Cambaúba em 2011, ano de EXPO, e me lembro de ouvir comentários muito positivos sobre o trabalho. Então, ano após ano, EXPO após EXPO, mais elogios eram feitos e a vontade de participar e entender tudo o que tinha por trás do trabalho apresentado só aumentava. E posso dizer que foi uma experiência transformadora. Todas as etapas de preparação do trabalho, as discussões sobre o tema, a montagem dos textos, a escolha das músicas, a elaboração dos cartazes, enfim todas as atividades foram muito enriquecedoras e contribuíram demais na minha vida, tanto escolar como pessoal. Além disso, fui desafiada a sair da minha zona de conforto ao fazer apresentações e interpretar textos difíceis na frente de várias

peessoas, mas isso me ajudou demais no meu amadurecimento para a vida adulta e profissional. Enfim, foi uma vivência incrível que fico muito orgulhosa de ter participado.

APÊNDICE H

Questionário 07 –

B.I. (2019)

1 – Com a finalidade de criar conhecimento científico, é preciso muita discussão, análise, produção de hipóteses, modelos e teorias, coleta de dados. Não sei ao certo se posso afirmar que houve produção de conhecimento científico propriamente dito, no entanto, posso assegurar que os estudantes tiveram diversos debates entre eles que foram extremamente benéficos para a aprendizagem da geopolítica e para o desenvolvimento de uma análise socioespacial profunda. Penso que, para produzir os textos teatrais, junto com as cenas, as músicas e as imagens, também é necessária uma fortíssima base teórica sobre o tema, a qual foi trabalhada e construída durante as reuniões.

2 – Sim, com toda a certeza, para ambas as perguntas. A Expo foi uma experiência na qual pude interligar conhecimentos teóricos e pouco palpáveis em textos teatrais fortes e conectados com o tema. Eu pude transmitir, às pessoas, não somente as emoções “normais” de um teatro, mas também um ensino de geopolítica que nos faz questionar sobre nossas perspectivas de mundo.

3 – Com estudantes sim, um pouco. Inclusive na época iniciei pequenas discussões sobre o tema depois de ouvir certas frases ditas por tais estudantes. Com toda a certeza, minha percepção sobre o tema mudou completamente. Entre professores, coordenação e direção da escola: não tive.

4 – Com certeza. Não só conseguimos compreender mais sobre o tema proposto como também conseguimos transmitir esse conhecimento para pessoas próximas: familiares e amigos. Depois da Expo, minha percepção sobre o tema se tornou muito mais humana e compassiva e minha base teórica se expandiu intensamente.

5 – Uma experiência extremamente marcante e positiva, na qual pude vincular conhecimentos teóricos com a prática teatral com um texto dramático produzido pelos próprios estudantes.

APÊNDICE I

Questionário 08 –

C.G. (2017)

1 – Sim. Estudávamos muito sobre o assunto e discutíamos sobre o tema baseado no que havíamos estudado. Usávamos livro, sites e publicações.

2. Contribuiu de diversas formas. Diferentemente dos conteúdos apresentados em sala, a TEG fez com que saíssemos da zona de conforto sobre os assuntos, fazendo com que até hoje adotemos pensamentos críticos sobre todas as áreas (social, política e econômica).

3 – A principal mudança foi a integração com pessoas, desde estudantes até coordenação pedagógica, que jamais imaginei ter coisas em comum e que se tornaram amigas que carrego até hoje.

4 – Foi um trabalho muito além do aprendizado, o aluno que passa pelas TEG's ele absorve do conteúdo com propriedade para argumentar e expor suas opiniões sobre o mesmo, de uma forma que por ser uma imersão tão significativa ele jamais vai esquecer.

5 – Para mim foi um verdadeiro divisor de águas. Formador de seres humanos. Se pudesse resumir diria que foi integrador.

APÊNDICE J

Questionário 09

E.V. (2019)

1 – Não diria exatamente produção de conhecimento científico, mas estudo destes conhecimentos e aprofundamento.

2 – Sem dúvidas. Durante a EXPO 2019 a questão da desigualdade social permeou todos os assuntos que estudamos, e naturalmente, para estudar a desigualdade social precisávamos entender onde estávamos inseridos na sociedade. Me recordo inclusive de checarmos e inserirmos no trabalho dados específicos sobre a desigualdade social, como um estudo sobre violência doméstica entre mulheres brancas e mulheres negras no Brasil além do repertório musical, como a música “*Resposta ao Funk Ostentação*” de Edu Krieger.

3 – Foi um projeto complicado de levar para frente, principalmente pelo ambiente, de certo modo conservador, em que estávamos inseridos e o momento político vivido na época. Aquele projeto trouxe uma temática muito polêmica, que acredito que foi difícil para alguns órgãos da escola lidarem com, apesar do apoio dado. Na questão dos professores e alunos foi muito interessante pois os assuntos que estávamos estudando para montar a EXPO borbulhavam dentro e fora da sala de aula, gerando muitas discussões que até hoje me recordo.

4 – Com certeza. Eu acredito que a parte da teatralização foi de extrema importância no processo, porque foi quando nós tiramos do papel tudo que estávamos estudando e conseguimos de fato sentir o que aprendemos ali. Além da parte da atuação em si, o ato de montar a peça (escrever roteiros, criar cenas, inserir músicas) também adicionou muito a experiência de aprendizado, pois nos fazia pensar a fundo sobre as coisas que estávamos lendo e aprendendo para conseguir inseri-las naquele projeto de maneira coesa e informativa para o público.

5 – Sem dúvidas um dos trabalhos mais importantes e tocantes da minha vida escolar. Durante o projeto eu entrei a fundo nas coisas que estávamos estudando, tivemos discussões e estudos tão importantes durante aquela EXPO que acredito que nunca vou esquecer muitas das coisas que aprendi durante esse projeto. Diria que em muitos aspectos essa experiência me moldou como pessoa.

APÊNDICE K

Questionário 10

G.V. (2011)

1 – Apesar de ter participado da peça durante a época escolar (e talvez não me recordar muito bem deste período), concordo que existiram nuances de conhecimento científico principalmente nos processos de preparação da teatralização. Para estarmos preparados para a apresentação, foi necessária uma série de pesquisas e interpretações do conteúdo original.

2 – A história que adaptamos para a Expo Cambaúba e para o teatro, Estamira, foi com certeza de grande impacto social quando comparado com a minha realidade social no momento. Venho de uma classe social que não precisa se preocupar com fome, pobreza, lixo acumulado na minha vida como um todo. Ter a oportunidade de estudar e ver de perto como existem pessoas que vivem em condições sub-humanas de vivência (ou pior, sobrevivência) diária, ainda numa idade jovem, com certeza trouxeram benefícios para como vejo o mundo no qual vivo e com posso fazer a minha parte, por mais pequena que seja, para ajudar pessoas que vivem em situações difíceis no dia a dia.

3 – A realização de uma peça teatral depende de um número grande de pessoas: atores, roteiristas, designers, controladores de luz e áudio. Eu, meus colegas e professor tomamos a frente de muitas dessas funções e participamos de inúmeras reuniões e encontros antes, durante e depois da realização da peça. Com toda a certeza notei uma modificação no meu relacionamento com se não todos, uma maioria dos participantes desta peça, numa perspectiva positiva. É uma experiência que recomendaria para todos os estudantes antes de se formarem na escola.

4 – Acho que o sistema de aprendizagem, atualmente, possui certos pontos negativos que podem vir a impactar o real potencial de muitos alunos, levando em consideração obviamente que cada país possui suas peculiaridades neste tópico. Sempre fui um defensor de que a aprendizagem muitas vezes precisa ser dinâmica e se adaptar, minimamente, aos gostos dos alunos. Alguns preferem aprender através de videogames, outros de literatura, e outros através da interpretação artística. Pessoalmente, fui capaz de aprender muito sobre conteúdos didáticos através desta experiência, e provavelmente não teria assimilado a mesma quantidade de informação se este conteúdo tivesse sido repassado somente com uma aula normal, dentro de uma escola.

5 – Não acabei seguindo uma carreira de ator, e adoraria ter tido mais oportunidades de participar de experiências como a TEG por todos os motivos

apresentados nas perguntas anteriores (apesar de ter tido outras experiências neste meio, como cursos de improvisação, etc). Foi didático, divertido e me aproximei de colegas e professores durante essa experiência. Acho que seria extremamente positivo que alunos tivessem mais oportunidades, caso tenham interesse, participar de projetos como o TEG e outras formas de aprendizado, e assim professores podem ensinar sem seguir padrões impostos pela sociedade há séculos.

APÊNDICE L

Questionário 11

I.B. (2019)

1 – Sim. A partir de documentários, notícias, filmes e letras de músicas analisadas, por exemplo, extraímos informações que fossem interessantes pra apresentação que a gente estava construindo e, com essas análises, sintetizamos o conhecimento que a gente iria transmitir de outra forma: com a teatralização.

2 – Com certeza. Acho que o ponto principal, pra mim, foi ter uma análise crítica a partir de elementos culturais brasileiros. O contato com algumas das músicas que usamos no nosso trabalho foi essencial pra construir uma visão crítica do que era expressado em forma de arte, de acordo com o momento histórico e social daquela música, como por exemplo “Cálice” do Chico Buarque. Além disso, por trabalhar com Alienação Social, os estudos e os materiais envolvidos no trabalho foram essenciais para desenvolver minha consciência e criticidade sobre a alienação, desde o contexto político e histórico no país, até, principalmente, o meio digital que é cada vez mais presente na minha geração. A partir disso, consegui começar a ouvir músicas e ver artes entendendo seu contexto por trás e, então, o que elas estavam expressando, além de interpretar notícias atuais com um olhar crítico sobre essa questão de alienação que tive contato.

3 – Sim. Com os outros alunos, de outros anos escolares, pude ter uma proximidade que o dia a dia dos estudos na escola não permitia. Já com o professor, especialmente, nos permitiu ter discussões e conversas além da sala de aula e dos estudos convencionais, o que foi essencial para a proximidade. Já com outros professores e diretores da escola, por exemplo, não senti mudança no relacionamento.

4 – Sim. Consumir o conteúdo de formas alternativas é muito importante pro aprendizado, e no trabalho realizado pela teatralização isso foi evidente com os filmes, documentários e músicas. Mas, especialmente, para produzir a parte que envolve atuação, é preciso realmente entender de forma imersiva o que você vai expressar no seu papel, por isso vejo como uma forma muito efetiva de aprendizado.

5 – Foi uma das atividades mais desafiadoras e que me tiraram da zona de conforto durante meu período na escola. O incentivo à arte, junto com a imersão em um conteúdo moderno e humano, com certeza contribuiu para que eu me tornasse uma pessoa muito mais informada e crítica sobre nossas questões sociais. Hoje, na faculdade, me desafio de muitas formas com projetos de extensão, por exemplo, e olhando pra minha trajetória na escola, esse trabalho de teatralização é o mais próximo dessas oportunidades de fazer algo diferente.

APÊNDICE M

Questionário 12

J.K. (2015)

1 – Sim, no meu caso foi realizada a teatralização IV, a primeira parte do projeto foi toda dedicada a que os alunos que fossem participar aprendessem mais sobre o tema e mais sobre como uma teatralização ocorre. Além disso, em todas as outras etapas sempre houve um compartilhamento de novos conhecimentos tanto dos próprios alunos entre si como dos alunos com o professor.

2 – Sim, no meu ano o assunto abordado foi "Um grito de liberdade na cidade maravilhosa ", onde o racismo foi o assunto mais abordado, infelizmente o racismo é algo que ainda é muito presente na nossa sociedade, por isso, não foi muito difícil de notar semelhanças entre o que foi abordado na teatralização com situações que foram presenciadas no dia-a-dia.

3 – Sim, foram várias horas de convívio para a realização do projeto, o que ajudou com que as pessoas se conhecessem melhor. No meu caso a minha relação com o professor Rafael já era muito boa, entretanto me ajudou muito em relação a outros profissionais da escola e mesmo em relação a outros colegas. Fora esse convívio durante a realização do projeto, as apresentações para outros alunos, familiares e funcionários da escola ajudou muito nessa proximidade também.

4 – Sim, ao meu ver é sempre importante que os professores tenham formas variadas de passar conteúdo para os seus alunos, seja com vídeos, saídas de campo, projetos como o de teatralização e outros, visto que, com isso os alunos possam explorar diversos métodos de contato com o conteúdo.

5 – A teatralização do ensino de Geografia – TEG foi de suma importância para a minha vida em geral, não apenas para a minha vida escolar. Eu não só tive a oportunidade de participar de um dos Projetos de TEG como também tive a oportunidade de presenciar outros como espectador, e esses sempre me trouxeram muito conhecimento. Outra coisa que no meu caso o projeto foi muito importante foi no medo de falar em público, sempre que se tratava de trabalhos da escola, eu sempre ficava nervoso e acabava que não desempenhava o melhor possível, entretanto, durante a realização do projeto TEG, técnicas para evitar isso foram aprendidas e foram de grande importância para todo o meu caminho acadêmico, no ano passado me formei na Universidade em Portugal e tive a oportunidade de utilizar as práticas que foram aprendidas no projeto TEG durante a minha apresentação do projeto de conclusão da Universidade. Portanto, eu definiria a minha participação nesse

projeto como extremamente positiva, e gostaria de ter tido a oportunidade de ter participado de outros em que não estive presente.

APÊNDICE N

Questionário 13

L.R. (2019)

1 – Sim, uma vez que são abordados temas recorrentes na atualidade e os papéis a serem interpretados também são estrategicamente elaborados pela equipe. Ainda que você encene e foque no seu personagem, por ser um trabalho de grupo longo e recorrente, também acabei vivenciando os personagens de meus colegas e os conhecimentos que eles adquiririam sendo postos fora da zona de conforto como eu.

2 – Sim. Sim, ao interpretar papéis fora da sua zona de conforto e ver toda uma peça sendo erguida com diversos contextos presentes na sociedade, porém, com orientação de um professor e discussões acerca dos assuntos pude olhar para outras realidades mediante um outro viés. Durante o evento, você de fato se encontra em uma situação muitas vezes distante da sua e deve agir conforme ela, por isso, a partir da visão do professor e das provocações para se encenar “fora da sua bolha” o pensamento crítico se constrói.

3 – Me aproximei tanto dos colegas de outras séries que estavam participando do projeto comigo quanto do professor orientador.

4 – Sim, uma vez que esse é um trabalho constante de discussão, brainstorming, formalização de roteiro e ensaios; há muita troca de valores e conhecimento tanto com o professor quanto com os alunos de outras séries.

5. Na minha vida escolar, o TEG foi importante não apenas para aprender o conteúdo geográfico (hard skills) transmitido pelas encenações, mas, também pude desenvolver muitas soft skills no processo. Dentre elas é válido citar: comunicação, gestão de tempo, liderança e criatividade. Sempre fui uma pessoa mais tímida e não tão fã de geografia, mas mediante o aprendizado de forma mais lúdica e incentivando o desenvolvimento de skills tão importante no mercado sênior, como as soft, sou muito grata pela TEG até hoje.

APÊNDICE O

Questionário 14

L.H. (2014)

1 – Sim. A partir da coleta de dados que foi gerada a partir do documentário “Estamira” bem como, pesquisas posteriores acerca da vida da referida, para criação do ato dramático, além disso a geração de conteúdo para discussões em sala de aula sobre temas variados, onde baseado nos conhecimentos adquiridos, fomos capazes de debater soluções para os problemas propostos em diversas áreas da geografia pelo professor.

2 – Sim, ao meu ver foi possível uma ressignificação do pensamento crítico de uma turma toda de adolescentes, quando fomos expostos e desafiados a entender, tal qual internalizar uma realidade tão diferente da que tínhamos no nosso dia a dia. O entendimento das diferenças de espaço, ensino, renda, alimentação e oportunidade da população brasileira, que deveriam ser as mesmas a todos os cidadãos, foram escancarados pela Estamira. Acredito também que tenhamos produzido o conhecimento, através do que interpretamos e sido capaz de passá-lo adiante por meio do teatro.

3 – Sim, Estamira foi um marco para todos os alunos. Alguns se envolveram mais e outros menos. No meu ponto de vista, a teatralização foi excelente para mudar um pouco o dia a dia do ensino médio e trazer uma aula, com uma forma diferente de ensinar. Foi nítido o apoio que todos tiveram entre si, desde a concepção da ideia, até mesmo a obtenção e arrumação do espaço físico para a encenação. Eu sempre fui muito aberto e comunicativo, mas a nossa turma em especial, ficou na lembrança de todos que participaram do nosso triênio enquanto alunos por conta desse momento. Outro ponto a ser comentado, é que tamanha foi a atenção dada pela escola, que outros professores ajudaram com a atuação e espaço de tempo para ensaios.

4 – Sim, já acreditava nisso antes mesmo de ter vivido tal experiência e posso afirmar que hoje sendo desenvolvedor de jogos e trabalhando com uma área correlata a matemática, tenho lembranças de várias matérias da época da escola, mas graças ao trabalho dramático proposto, e sua necessidade de vivência do conteúdo, acho fantástico o resultado positivo e tenho total lembrança dos temas propostos em Estamira. Falando por um deles em específico, foram as melhores explicações e entendimentos de desigualdade social que eu vi. Uma vez que essa forma de obtenção do conhecimento

contou com a empatia de todos, uma vez que cada um dos alunos em algum momento se colocou no lugar da Estamira.

5 – Pra mim, foi o ponto que eu guardo com mais carinho no ensino médio. Um momento em que se uniu uma turma de quase trinta alunos acima de suas diferenças interpessoais por um objetivo maior. Um momento onde pudemos sair do padrão de ensino, quadro, caderno e carteira, para de fato vivermos uma realidade. Trago amigos que estudaram comigo desde o fundamental e desses com os quais mantenho contato, todos lembram de forma contundente de Estamira. Até hoje, oito anos depois de ter saído do ensino médio, ainda frequento e faço parte da vida de várias pessoas dessa época, e geralmente uma vez por ano, nos encontramos em um evento do colégio, onde todo ano lembramos da dramatização. Em resumo, acredito que Estamira, foi um marco na vida de todos da escola como um todo.

APÊNDICE P

Questionário 15

L.H. (2017)

1 – Sim! fizemos pesquisas, buscando artigos, documentários, livros e discutindo o conhecimento adquirido em grupo em dinâmicas diversificadas.

2 – Sim! Apesar de ser brasileira, tinha pouquíssimo conhecimento sobre religiões de matrizes africanas praticadas por porcentagem significativa da população. A técnica de TEG foi, no meu caso, implementada em uma escola com baixa diversidade étnica entre seus estudantes, sendo esses majoritariamente brancos e de classe média/alta. A abertura proposta na dinâmica proporcionou uma abertura na vida particular dos alunos.

3 – Criei laços com alunos com quem não teria tido a oportunidade de conversar se não fosse pela realização conjunta da dinâmica. além disso, a teatralização foi aplaudida por grande parte do corpo estudantil, o que gerou interações motivadas pela dinâmica.

4 – com certeza! a teatralização requer a obtenção do conhecimento, seu entendimento profundo e sua repetição, fatores que considero essenciais e aplico ainda hoje em meu processo de aprendizagem.

5 – Como prática divertida, relaxante e estimulante de apreender sobre um tópico, interagindo ainda de forma orgânica com outros alunos. Foi uma experiência inesquecível.

APÊNDICE Q

Questionário 16

M.A. (2017)

1 – Com certeza. Debatermos sobre assuntos que não eram abordados e muito menos aprofundados no dia a dia da sala de aula, principalmente por serem problematizadores de algumas pautas que podem não ser bem recebidas por parte da sociedade. A criação do roteiro a partir de conversas baseadas em filmes, documentários, músicas, textos e o que mais a gente trouxesse para discussão foi muito enriquecedora como forma de absorver todas essas questões, desenvolver um pensamento crítico sobre o tema e repassar para a comunidade escolar.

2 – Sim. Falar sobre religião, especificamente da intolerância religiosa, foi algo que me tirou muito da minha rotina. Venho de uma família “católica não praticante” e foi a primeira vez que esse tema foi pauta para mim. Por causa da EXPO, eu assisti filmes sobre o assunto com os meus pais e conversei muito a respeito. Percebi também que depois dessa experiência tive muito mais interesse nessas pautas como nos acontecimentos motivadores dos conflitos do Oriente Médio, por exemplo.

3 – Acredito que os alunos envolvidos ficaram muito mais próximos, as diferenças de grupo social e de ano, principalmente, foram muito reduzidas e nos tornamos parte de algo mais denso que só a gente entendia. Além disso, após a EXPO eu desfiz a imagem que eu tinha da figura de professor na minha cabeça. A interação e a troca acabaram se transformando em amizade e admiração e, então, eu saí daquela ideia mecânica de sala de aula de anotar a matéria do quadro e fazer a prova. Isso acabou se estendendo para os demais funcionários da escola. Deixei de vê-los pelo cargo e funções desempenhadas e passei a de fato vivenciar o dia a dia com eles.

4 – Sim. A pesquisa para a roteirização costuma ser aprofundada, com várias fontes de estudo. Os debates proporcionados pelo grupo levantam questões e nos deixa mais críticos. Por fim, a própria atuação nos ensaios e na apresentação são responsáveis pela memorização e fixação do assunto no aluno. Assim, o aprendizado não pode ser superficial.

5 – Essencial para a minha formação. Além de todo o conhecimento que eu absorvi nessa fase, percebo como o trabalho em grupo, o processo de criação, desenvolvimento e entrega de um projeto, a oratória, o falar em público, o controle emocional e a responsabilidade, que começaram a ser profundamente desenvolvidos em mim na EXPO, são tão necessários e presentes hoje em dia na faculdade e no trabalho. Essas habilidades não podem ser desenvolvidas em um ambiente

padrão de sala de aula em que o foco, por muitas vezes, se torna saber fazer prova.

APÊNDICE R

Questionário 17

M. F. F. (2019)

1 – Sim. Quisemos produzir conhecimentos científicos para passar mais veracidade nos assuntos abordados.

2 – Durante a Expo tive a oportunidade de pesquisar de forma mais aprofundada sobre algumas realidades que não fazem parte da minha, conseguindo fazer um trabalho de observar minha própria alienação, que era o tema do ano que participei. De certa forma, junto com as emoções que o teatro proporciona, aprendi a ter mais empatia com certas vivências, principalmente as que foram trabalhadas juntamente com o grupo.

3. Sim. A Expo me ajudou muito a lidar de forma mais natural com o público e a vencer a vergonha de me expressar quando necessário, conseqüentemente, minha comunicação melhorou.

4. Sim. Na minha opinião, colocar alguns aprendizados em prática é a melhor forma de captar as informações passadas, tanto pelos sentimentos que o teatro nos permite sentir, quanto pela forma leve que o projeto foi feito, o que auxilia a entender de forma mais clara e com mais vontade os ensinamentos.

5 – A Expo foi o trabalho mais marcante da minha vida acadêmica. Tive a experiência de conviver e aprender com pessoas da escola que certamente não teria nenhuma troca se não fosse o projeto. Enxerguei que é possível trabalhar em grupo de um jeito prazeroso, mas sem perder a responsabilidade, tudo pela forma brilhante que o professor Rafael conduziu. Foi motivo de muito orgulho para mim, conseguir levar para as pessoas algumas reflexões de temas tão importantes para a sociedade. Serei sempre grata ao Rafael por me proporcionar um trabalho que me permitiu uma evolução para vários quesitos da minha vida e que vou levar como um grande aprendizado.

APÊNDICE S

Questionário 18

M.C. (2017)

1 – Comumente a sala de aula é o espaço separado para o ensino e debate. A TEG foi uma experiência inovadora que surgiu em 2017 como uma maneira de imergir no debate religioso da sociedade e como a intolerância religiosa começou e vem sendo perpetuada até os dias atuais. O conhecimento científico acontece de maneira contínua e nada melhor do que a possibilidade de vivenciar e teatralizar para melhor compreender os aspectos mais relevantes da sociedade.

2 – A TEG sobre intolerância religiosa me modificou em diversos sentidos. Muito além do trabalho em grupo, da dedicação constante e horas ensaiando e compondo a peça, mas na percepção de que nós também somos fatores que influenciam diretamente a sociedade e o nosso redor e, assim, cada um de nós também somos responsáveis pra disseminação de ódio que ainda acontece pelo mundo e isso se encaixa em diversos fatores, não só na questão religiosa. Como Católica, no início foi um trabalho difícil interpretar a mãe de santo, mas aprendi muito com ela, com todo o cenário, o sofrimento dos fiéis com a barbaridade sofrida e no final, todos estamos unidos em um só propósito: fé.

3 – Ao final da apresentação muitas pessoas vinham falar conosco, nos parabenizavam. Alunos, professores e até mesmo coordenadores ficaram emocionados e tocados com a peça, até mesmo depois comentavam durante as aulas e agradeciam o nosso empenho em trazer uma discussão tão difícil de uma maneira teatral e educativa. Tivemos o privilégio até de refazer a apresentação em outro momento a noite, por solicitação, para que mais pessoas pudessem assistir.

4 – Seja qual for o tema, a teatralização envolve não só a parte da encenação, mas a própria construção dos textos, roteiro e o encaixe de um conteúdo com o outro. É um aprendizado sem tamanho e a repetição, a imersão nesse universo ajudam a criar um conhecimento fixo que, junto com as lembranças das amizades e parceria construídas, carregamos para sempre.

5 – A Expo sobre intolerância religiosa foi um dos meus últimos trabalhos na escola e não poderia ter sido melhor. Tenho muito orgulho de ter participado, ter enfrentado cada desafio e ter me entregado de fato a experiência e a vivência do personagem. É uma experiência transformadora, não só como estudante, mas como pessoa, agradeço ao professor Rafael pela genialidade do projeto e por todo o apoio a cada passo durante a construção da peça e também a escola por nos dar a oportunidade de criar cenários como esse.

APÊNDICE T

Questionário 19

S.S. (2019)

1 – Sim, acredito que tanto produzimos quanto nos baseamos em conhecimento científico para chegar a produzir a teatralização e chegarmos ao resultado final.

2 – Certamente, haja vista que as teatralizações do professor sempre foram muito comentadas pelos alunos, independentemente do nível escolar em que se encontravam. Assim, acredito que o processo de politização e pensamento crítico socioespacial foi fortemente influenciado pelas exposições. Já na questão da diferença entre a realidade material em que vivamos e a que estudávamos era bem acentuada. O objeto de estudo é aprofundamento por vezes eram realidades materialmente bem distantes das vividas pelos alunos que integravam o grupo, sendo assim uma forma de ampliar drasticamente nossa visão acerca de diversos temas.

3 – Sim. Acredito que a teatralização foi um meio de interagir com a instituição escolar de formas limitadas anteriormente, ao sair do convencional acho que se adquire uma nova percepção sobre as relações interpessoais e de poder dentro da escola.

4 – Sim. Aliás, acredito ser as alternativas ao ensino padronizado que mais agregam aos alunos e também aos docentes. Assim sendo, entende-se que ao sair dos moldes de ensino tradicionais e pouco atualizados há uma ressignificação do aprender - que por vezes pode até superar e ser mais eficiente que o comumente utilizado.

5 – Essencial, de extrema importância no meu entendimento de ensino e aprendizagem. Além do papel na politização acerca de temas pouco pensados por mim até então

APÊNDICE U

Questionário 20

L.R. (2017)

1 – Na minha opinião sim. Pesquisamos muito sobre o assunto em livros, sites e material trazido para as reuniões da EXPO. Durante várias semanas produzimos e discutimos muito sobre as questões de intolerância religiosa. Nas discussões ampliávamos as reflexões sobre o tema,

2 – A Expo sobre Intolerância Religiosa me fez pensar criticamente sobre um assunto ainda pouco explorado dentro da escola. Percebi como vivemos numa sociedade preconceituosa. No bairro onde moro e na minha própria família existe muita intolerância. Passei a entender ainda mais o complexo assunto que estudamos e a partir do projeto e de toda a montagem da apresentação.

3 – Sim. Muito alunos, funcionários e professores passaram a falar comigo depois da Expo. Muitos porque ficaram impressionados com a apresentação e outros porque de alguma forma se incomodavam com o tema abordado. Com o professor Rafael o contato aumentou muito porque tivemos muitos encontros e ensaios que nos aproximaram.

4 – Com certeza. Além dos alunos, muitos pais que assistiram a Expo tiveram a mesma visão do nosso projeto. Particularmente nós que participamos aprendemos muito e à medida que representávamos nos envolvíamos cada vez mais com o assunto e pesquisávamos mais. Algumas cenas exigiram muito conhecimento de como ocorre na prática algumas religiões.

5 – Foi sem dúvida o melhor trabalho que fiz na minha vida escolar. Apresentei para centenas de pessoas que puderam aprender a partir do nosso projeto. Acredito que o teatro é uma excelente forma de se ensinar Geografia e outras matérias.

APÊNDICE V – Imagens das apresentações

Figura 12 – Dança como expressão de aprendizagem-ensino
Intolerância Religiosa Coreografia (música *Diferenças / Criolo* sobre religiões)



Fonte: O autor, 2017

Figura 13 – Cena musical. Música *Sunday blood Sunday / U2*



Fonte: O autor, 2017.

Figura 15 – Confronto ideológico ente muçulmana e judia na Palestina



Fonte: O autor, 2017.